

ALMANAQUE

FUTURO

NOVEMBRO DE 2024

ESPECIAL 50 ANOS
ITAIPU BINACIONAL

EDIÇÃO IMPRESSA E PDF ELETRÔNICO LIVRE
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA



ONDE E COMO ITAIPU É MAIS QUE GERAÇÃO DE ENERGIA?



Fotos de Alexandre Machetti/ItaipuBinacional



De geradora de energia a referência em inovação: como foi a trajetória de sucesso da Itaipu Binacional?

O monumental empreendimento não apenas compensou os impactos de sua construção, mas também foi além, destacando-se em projetos ambientais, no apoio às cidades de seu entorno, alinhando-se aos objetivos de desenvolvimento sustentável, promovendo inovação e incentivando o progresso humano.

As respostas não foram construídas apenas pelo tempo. Ao longo de 2023 e 2024, com o início das celebrações dos 50 anos do Tratado de Itaipu Binacional, não faltaram balanços, reflexões, declarações, estudos acadêmicos, retrospectivas e a reconstrução da memória por meio de fotos e vídeos. A história recontada serve como um molde para ajustar as contas. O fato é que Itaipu, um empreendimento grandioso em dimensão e ambicioso em intenções, se justifica pelos resultados, que são altamente expressivos.

Em que resulta e resultará Itaipu Binacional, desde sua construção até o fim de sua vida útil? O balanço que realizamos hoje, e que nos traz convicção, é que a iniciativa, considerada audaciosa ao ser apresentada ao mundo e vista por muitos como causadora de devastação e danos irreparáveis, devolveu mais do que tirou.

Algo ainda mais difícil de responder ou imaginar é como seriam o Brasil e o Paraguai se não tivessem decidido construir Itaipu. Como se desenvolveriam as cidades e povoados situados na margem esquerda, ou seja, no lado brasileiro do Rio Paraná, uma região então marcada pelos impactos dos ciclos extrativistas? Quais alternativas poderiam suprir as necessidades energéticas dos dois países e de que forma existiriam sem causar ainda mais problemas ambientais?

O fato é que Itaipu existe, e pouco adiantará conjecturar sobre o que poderia ter sido após meio século da assinatura do tratado. A construção da usina causou impacto regional, alterou a geografia, ergueu-se como uma montanha que não existia, desviou um dos maiores rios do planeta e formou um lago. No entanto, o resultado contrariou previsões consideravelmente pessimistas. É isso que esperamos mostrar com clareza e equilíbrio nesta edição.

Além de gerar energia limpa, em uma área alagada menor do que a de outros empreendimentos similares, o projeto binacional contribuiu para o surgimento de novas cidades e fez com que outras se adaptassem ao que estava por

vir, como no caso de Foz do Iguaçu. Criou um laboratório de ideias, iniciativas e práticas inovadoras, consolidou-se como um polo educacional e, enfim, expandiu sua atuação para uma série de atividades muito além de sua premissa original: a produção de eletricidade.

A quase epopeia também trouxe transformações em um elemento fundamental e, por vezes, imperceptível dependendo da distância do registro fotográfico da usina e sua barragem: o ser humano.

O homem praticamente desaparece em meio ao concreto, revelando a dimensão do esforço humano envolvido. Sob esse prisma, é importante refletir sobre como os habitantes foram influenciados, de que maneira se moldou o cidadão iguaçuense e qual foi o impacto na formação de seu perfil — ético, cultural, filosófico e racional — ao longo desse processo impressionante, marcado por aprendizados. Quais lições antropológicas, sociais e econômicas foram transmitidas às novas gerações?

Informações e reflexões como essas podem ser encontradas em uma visita ao Ecomuseu, onde é possível compreender, passo a passo, a trajetória de um empreendimento tão notável como a Itaipu Binacional. O espaço revela as origens da região e as mudanças provocadas pela existência da usina. Um capítulo de destaque nessa história é a chegada dos trabalhadores vindos de todas as partes do país. A memória dos barrageiros permanece viva e presente em Foz do Iguaçu. Ao reunir um pequeno grupo de pessoas, é provável que alguém tenha vínculos com um barrageiro — seja pai, irmão, avô ou, mais recentemente, filhos, netos e bisnetos. Essas famílias simbolizam a grande transformação pela qual a cidade passou nas décadas seguintes.

Por esses e outros motivos, fica evidente onde e como Itaipu se tornou muito mais do que uma geradora de energia.



Da simplicidade à grandiosidade: Foz do Iguaçu e a sua transformação

Desde sua fundação, a cidade tem sido marcada por grandes impactos. O marco inicial ocorreu em 1889, com a chegada dos militares do Exército, que encontraram uma população de pouco mais de 300 habitantes..

Era uma localidade “estacionada”, segundo José Maria de Brito, nos anos 1930. Mas, na década seguinte recebeu o primeiro grande projeto: o Parque Nacional do Iguaçu. No final de 1940 já havia 2.600 habitantes.

Em 1957, no icônico Hotel Cassino Iguaçu, os presidentes do Brasil e Paraguai lançaram a pedra inaugural do maior projeto arquitetônico da região: a Ponte Internacional da Amizade, concluída em 1965. Nessa época, a população de Foz já superava 20 mil pessoas.

Entre 1940 e 1960, Foz do Iguaçu experimentou um grande salto populacional, mas nada comparável ao que aconteceria com o início das obras de Itaipu. Em 1980, a cidade já contava com mais de 136 mil habitantes.

“As pessoas não sabiam e não imaginavam como receberiam algo tão grande, elevados os comentários em jornais e emissoras de rádio. Um homem simples, comerciante, me disse: tenho a mesma sensação de uma tempestade se aproximando, com o céu enegrecido, ventania e raios riscando todo o horizonte”, relatou o ex-deputado federal Lyrio Bertoli, falecido em 2018.

Se por um lado muitos temiam a chegada de Itaipu, por outro, acreditavam no desenvolvimento, imaginando prosperar com o advento. O município, com área bem maior, ocupada pela agricultura e pecuária, mantinha uma população de 36 a 40 mil habitantes; com os bairros distantes, as ruas eram estreitas, muitas sem

calçamento. O comércio se concentrava na Avenida Brasil e arredores, predominando empórios, artigos de armarinho, vestuário, e ainda as casas de caça e pesca, com a venda de armas e munições. Eram poucos os postos de combustíveis, distribuidoras de bebidas e alimentos.

Nos anos 1970, o turismo já movimentava excursões às Cataratas e ao Paraguai. A cidade contava com a BR-277, a Ponte da Amizade e um novo aeroporto, que substituiu o antigo localizado na área central. A vida social incluía um único cinema, bailes nos clubes Country, Oeste Paraná e Gresfi (fundado em 1972), além dos tradicionais desfiles cívicos.

A Rádio Cultura de Foz do Iguaçu mantinha uma programação ativa, transmitindo concursos de canto, declamações de trovas e poesia, com audiência total no Jornal do Meio Dia. A emissora enfrentava a feroz concorrência do serviço de autofalantes de Estanislau Zambrycki. Não havia ainda jornais, nem antenas para atender as transmissões televisivas. Para assistir aos jogos da Copa do Mundo do México (1970), os moradores se organizavam para percorrer os 137 km até Cascavel.

A travessia para Puerto Iguazú, na Argentina, era feita por catraias ou ferryboat. Já o acesso ao Parque Nacional do Iguaçu era facilitado pela nova BR-469, inaugurada em 1968.

Foz ostentava uma rede hoteleira tímida, mas considerada eficiente para os padrões da época, e os

atrativos apareciam nos comerciais de Tv, nos grandes centros. O setor de gastronomia mantinha poucas churrascarias.

“Eu conheci a cidade porque a minha empresa, a Gatti Turismo, realizava excursões até Assunção. Foz era o dormitório, devido à distância. A parada incluía a visita aos atrativos, e, no outro dia, os passageiros seguiam viagem até a capital do Paraguai. Alguns anos depois, fazendo um desses passeios, resolvi comprar o Hotel Carimã e jogar a âncora na fronteira”, lembrou o empresário Ermínio Gatti, falecido em dezembro de 2022. Com o início das obras da Binacional, ele instalou uma empresa de transporte público, a Viação Itaipu. Os ônibus urbanos, aliás, eram um negócio de família e os Gatti trabalhavam linhas em São Paulo desde o início do século passado.

A população tinha conhecimento sobre Itaipu e até mesmo onde seria construída, na localidade próxima de uma ilha conhecida como “pedra que canta”. A cidade foi palco de muitas reuniões entre autoridades brasileiras e paraguaias desde 1966, com as reuniões abrigadas no então Hotel das Cataratas. Foi onde os chanceleres Juracy Magalhães, do Brasil e Sapena Pastor, do Paraguai, assinaram a histórica Ata do Iguaçu.



Fotos acervo IBGE



Grandes obras que impulsionaram o desenvolvimento do Oeste do Paraná

Anos antes do início da construção de Itaipu, as autoridades planejaram a reestruturação de Foz do Iguaçu: suas ruas, avenidas e até mesmo as estradas por onde passariam equipamentos gigantescos. Foram criadas estruturas de receptivo, recebendo técnicos, diplomatas e autoridades mundiais.



O povoado provinciano, com aspirações turísticas e boas relações fronteiriças, experimentou um novo ciclo depois de estabelecida a ligação terrestre pela BR-277 (março de 1969) e, anos antes, pela Ponte Internacional da Amizade (março de 1965). Esta última deu vida a Puerto Presidente Stroessner, hoje Ciudad del Este, potencializando-a como atrativo.

Não há como deixar de registrar que houve um isolamento secular, e para chegar até a região era necessário navegar pela Costa Atlântica e Estuário do Prata, contra a correnteza do Rio Paraná. Outra alternativa, em épocas em que os aviões ainda não cruzavam os céus, era desbravar as picadas nas matas, com apenas um leito carroçável.

Mal se abriram as clareiras, pavimentando “A Grande Estrada”, a rota Assunção-Paranaguá — pensada desde 1941 pelo presidente Getúlio Vargas — Foz do Iguaçu começou a experimentar abruptas transformações.

A mão federal estava por todo o perímetro, primeiro com um levantamento aerofotogramétrico e, depois, por meio de topógrafos, urbanistas, projetistas e engenheiros em busca de soluções viárias. A assinatura do Tratado de Itaipu Binacional ocorreu em 1973, mas antes disso a cidade ensaiava um compasso de preparativos, uma vez que avançavam os estudos sobre o potencial hidráulico do Rio Paraná.

Uma comissão mista, conveniada entre o Brasil e Paraguai, vinha realizando o levantamento desde 1967. Três anos depois, foi firmado um convênio de cooperação entre os dois países, estabelecendo as possibilidades técnico-econômicas do Projeto Itaipu. Uma sucessividade de eventos como esses, a todo momento divulgados, causava grande ansiedade na população, e a Binacional, para muitos, já era uma realidade.

Com o novo Aeroporto Internacional, na vizinhança do Parque Nacional do Iguaçu, uma série de empreendimentos públicos e privados foi se instalando. Um deles foi o Hotel Bourbon. Dez anos depois de fundarem a primeira unidade em Londrina, a família Vezozzo inaugurou, em 1973, uma ala com 69 apartamentos em Foz. O local se tornaria a “segunda casa” do general José Costa Cavalcanti, escolhido para comandar o início da enorme obra, acumulando a chefia do Ministério do Interior.

“Nos anos 70 e 80, não só os brasileiros, mas pessoas de todo o planeta viajavam para Foz do Iguaçu para ver a maior usina hidrelétrica já construída, e sempre recordo momentos gloriosos, de presidentes e autoridades se encontrando no Bourbon. Grandes nomes da engenharia também permaneciam dias e até meses hospedados. Tive o privilégio, juntamente com a minha família, de conhecer as mais influentes autoridades brasileiras, e elas sempre estavam em nosso hotel a cada unidade inaugurada, nos mais diversos eventos importantes que marcavam as novas

etapas da gigantesca obra. Recebíamos mandatários, reis, príncipes, primeiros-ministros e, devo ressaltar, que ao passo de isso tudo acontecer, nosso estabelecimento expandia novas alas, criava salões de eventos, áreas de gastronomia e sempre mais conforto aos ilustres hóspedes”, lembrou Alceu Vezozzo Filho, hoje CEO de um dos maiores grupos hoteleiros da América do Sul, com 24 unidades em vários estados brasileiros, além de unidades no Paraguai e na Argentina.



Fotos acervo histórico Bourbon Hotéis

Hotel Bourbon em fase acelerada de construção em julho de 1973 (acima) e, logo em funcionamento, para receber autoridades de todo o mundo.

Outros vários empreendimentos nasceram e expandiram enquanto a usina era construída, gerando empregos, distribuindo renda e emoldurando o futuro da cidade.

Com Itaipu se tornando uma realidade, várias frentes de trabalho passaram a reformar o traçado urbano, com a abertura das avenidas Paraná, Juscelino Kubitschek e BR-600, hoje Tancredo Neves, além dos acessos diretos aos bairros e localidades que abrigaram os barrageiros e suas famílias. Também foram rapidamente erguidas as Vilas A, B e C, concomitantemente aos preparativos da grande usina.

Ações de Itaipu contribuíram para a recuperação de rios, florestas e da fauna da região

A faixa de fronteira do lado brasileiro estava 80% devastada, com poucos locais sustentando a fauna, constataram os levantamentos nos anos 69 e 70; as madeiras foram retiradas e levadas pela correnteza até serrarias em território argentino e paraguaio.

O que fora uma densa floresta, até onde se estendia a Mata Atlântica, restou devastada em menos de meio século. Primeiro com o ciclo da erva-mate, um extrativismo invasor, patrocinado por empresas estrangeiras, instaladas em território argentino. Em condições desumanas, mensos e colonos exauriram os recursos naturais e, em seguida, com os obrageiros, deu-se a brutal retirada da madeira, beirando a extinção da fauna e da cobertura vegetal na margem brasileira do Rio Paraná. Grandes áreas foram convertidas em pastagens e desta forma se deu a expansão rural e pecuária.

Os resultados do “levantamento das possibilidades econômicas e potencial hidráulico do rio Paraná”, e, adiante, em 1970, por meio de um “convênio para a avaliação técnica do Projeto Itaipu”, apontaram a extensão de terra parcialmente degradada entre Foz do Iguaçu e Guaíra, ao contrário do lado Paraguai, ainda com a cobertura florestal original.

Segundo documentos, na íntegra, um Relatório Especial intitulado “Reconhecimento dos Efeitos Ecológicos do Projeto”, com “o objetivo principal coletar informações baseadas em fatos, sobre efeitos físicos, biológicos e sociais...” faz menção aos Aspectos Biológicos Terrestres e Florestais, informando que na área do projeto (Itaipu), “a vegetação natural é densa e sub-tropical, cujas árvores atingem 20 a 40m, de altura. Na margem oriental do Rio Paraná resta apenas 10 a 20% da floresta original e na margem ocidental, a floresta é praticamente virgem”.

No parágrafo que aborda os “Aspectos Sociais”, “Sócio –econômicos” e o Uso da Terra, a constatação foi que “80% da floresta foi derrubada e a terra cultivada...com o povoamento escasso. A população na área do projeto é de cerca de 10.000 pessoas”. O relatório avaliou ainda, que as cidades próximas e que não seriam afetadas, somavam cerca de 100 mil habitantes. Tais apontamentos fariam parte do Plano Básico para a Conservação do Meio Ambiente, redigido em 1975.

O “Relatório Especial nº 4” foi assinado, dentre outros técnicos, por Robert Goodland, que fora consultor do Banco Mundial. O estudo já vislumbrava as ações atuais, como os serviços ambientais e entende-se que deu forma aos planos diretores, gestão e os procedimentos com as espécies ameaçadas. O documento concluiu que apenas duas mudanças inevitáveis ocorreriam no meio ambiente, com a construção de Itaipu: o alagamento de “um trecho de 170km de rio, sendo a maior parte constituída por uma

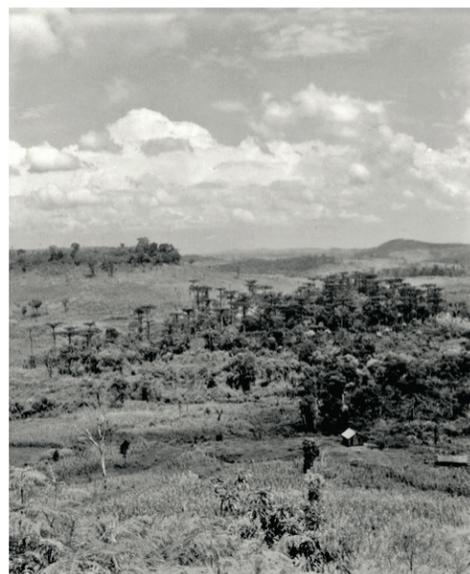
garganta estreita e profunda, de acesso muito limitado”, sendo que isso deixaria de existir; “os Saltos do Paraná”, conhecidos como Sete Quedas, ficariam submersos. Na avaliação de Goodland, o atrativo turístico, foi considerado como “de difícil acesso e pouco conhecido. O aspecto visual dos Saltos era menor que o de muitas outras cataratas já que não haviam quedas altas e ininterruptas”.

Revelaram ainda outras mudanças consideradas de “caráter secundário”, de menor importância, “por não representarem distúrbios ecológicos ou ambientais que viessem ameaçar qualquer espécie da fauna e flora ou consumir substancialmente recursos naturais insubstituíveis”. Na avaliação dos especialistas da época, as ocorrências secundárias seriam a redução de habitat de animais; eliminação de 700 km² de florestas; inundação de mais de 600 km² de terras agrícolas; submersão de depósitos minerais desconhecidos e a possível submersão de alguns locais de interesse arqueológico.

Por meio de uma postura até então inédita no contexto do setor elétrico brasileiro, que até hoje tem servido de referência para outros empreendimentos, várias diretrizes foram propostas para minimizar ou compensar os efeitos adversos sobre o meio ambiente. Elas seriam implementadas nas fases de construção e operação do empreendimento.

A avaliação global do projeto foi resumida assim: “Considerando o enorme benefício em potencial energético a ser derivado deste projeto, é provável que a soma global de todo o impacto negativo sobre o meio ambiente venha a ser relativamente inexpressivo. A inexistência de uma grande população nativa, a atual carência de silte e peixes, e a utilização do curso de água ao longo do rio, combinam-se para fazer deste aproveitamento uma proposta ecologicamente atrativa”.

Com um arcabouço de informações assim, o Brasil se antecipou para defender a construção da maior hidrelétrica do mundo, marcando presença na Conferência das Nações Unidas sobre o Ambiente Humano, convocada pela Organização das Nações Unidas (ONU), realizada em 1972, em Estocolmo.



Conferência de Estocolmo ajudou a moldar projetos ambientais de Itaipu

Provavelmente, nos dias atuais, uma obra como a Itaipu Binacional dificilmente seria realizada, e por diversos motivos, a começar pela percepção ambiental. Qualquer esboço similar causaria imediata reação mundial.



Fotos ONU - MHN



A ONU - Organização das Nações Unidas, convocou o mundo para uma primeira conferência ambiental e contou com a adesão 113 países, incluindo o Brasil. Foi considerado um marco por apresentar o balanço do impacto humano global, iniciando assim, um diálogo paradoxal: o desenvolvimento e a relação com o meio-ambiente, ou como realizar o crescimento econômico sem ferir a natureza e garantir o bem-estar humano. As diretrizes eram proteger os recursos naturais e melhorar a qualidade do ambiente humano, remediando e prevenindo a sua deterioração.

Na Conferência de Estocolmo nasceram temas como a Educação Ambiental e foi a primeira vez que a palavra “sustentabilidade” foi pronunciada e, muito ouvida. A conferência aconteceu entre os dias 05 a 15 de junho de 1972; iniciou-se, com ela, a escalada para a construção da política ambiental em escala mundial.

E como o Brasil, no apogeu do seu “milagre econômico”, construindo grandes obras de engenharia, abrindo estradas na Amazônia, e, permitindo a expansão de pastagens e lavouras, se posicionaria em encontro tão importante? O país roubou a cena, dentre outras, falando de Itaipu, a solução para a sua matriz energética e de seu vizinho e sócio, o Paraguai.

A delegação brasileira foi chefiada pelo Ministro do Interior General José Costa Cavalcanti e os componentes se mostravam não muito interessados em assinar a Declaração de Estocolmo. Com o governo federal empreendendo tantas iniciativas, falar em reduzir o crescimento estava fora de questão. Os representantes chegaram à Suécia com o seguinte pensamento: “se os países ricos não quisessem as indústrias por causa da poluição, todas elas podem se transferir para o Brasil”. Costa Cavalcanti disse:

“desenvolver primeiro e pagar os custos da poluição depois”. A frase se tornou célebre.

O rebuliço brasileiro mexeu com a opinião pública mundial e na tentativa de minimizar os danos, o presidente Emílio Garrastazu Médici instituiu a primeira entidade brasileira em defesa do meio-ambiente, a SEMA, vinculada ao Ministério do Interior e responsável pela execução de ações de proteção ambiental. O professor da USP e ativista Paulo Nogueira Neto, assumiu o cargo de Secretário Nacional de Meio Ambiente, em 1974.

O professor Paulo via em Itaipu a possibilidade de um grande laboratório de prestar contas com a Natureza, elogiando em diversas oportunidades o Plano Básico de Conservação do Meio Ambiente, aprovado pela Resolução RDE-119/75, com a adoção de medidas mitigadoras compensatórias.

Paulo mantinha uma certa relação com Foz do Iguaçu desde a década de 40; ao passar pelo aeroporto (onde hoje é o Gresfi), para visitar o pai no exílio. Mais tarde ele comentaria que por meio desses voos, viu a floresta desaparecer de Guarapuava a Assunção.

Durante visita à Binacional, em 1978, Paulo Nogueira fez a sugestão de uma “cortina de árvores”, que se tornaria a mata ciliar, hoje uma floresta, canal da Biodiversidade, recompondo a Mata Atlântica.

“Que bicho será, mordeu o ministro Costa Cavalcanti?”, brincavam os mais próximos. Dizem que conversando com líderes de outros países, cientistas e ambientalistas o comportamento dele mudou depois da Conferência de Estocolmo. Certamente passou a reavaliar os conceitos e uma das primeiras atitudes foi convencer o

presidente Médici em apressar a criação da Secretaria Especial do Meio Ambiente, a SEMA, comandada pelo seu Ministério.

Em certa ocasião, reunido com jornalistas locais, Cavalcanti disse jamais, em toda a vida, demonstrar afeto a um animal doméstico, “um pé de planta” ou mesmo se interessava pela natureza. Mas ao planejar Itaipu isso mudou. Como Diretor-Geral Brasileiro, acumulando o cargo de presidente da Eletrobrás, ele se empenhou ao máximo na busca de verbas para garantir a proteção ambiental. “Se você come milho, arroz ou soja, tem que desmatar a floresta para plantar. Se come carne, precisa matar o boi. E se quer energia terá que usar a água, isso é inevitável. Mas é possível fazer isso causando menos prejuízos ao meio-ambiente. Nunca, uma central hidroelétrica dedicaria tanto tempo e dinheiro ao meio-ambiente”, disse o General Costa Cavalcanti.

O fato é que a mudança de atitudes foi influenciada pelos alertas mundiais e isso mudaria também o destino da empreitada binacional, colocando-a nos trilhos das inovações no trato ambiental, o que favoreceu a população lideira e, se tornaria uma lição para o mundo décadas depois.



O ministro Costa Cavalcanti chefiou a delegação brasileira na Conferência de Estocolmo

ONU considera integrados ecologia e desenvolvimento

O secretário-geral da Conferência de Estocolmo, Maurice Strang, disse na abertura da reunião que “se o objetivo da empreitada binacional é aumentar o bem-estar ge-

o ministro, da exploração demográfica, da exploração do submundo, tem maior que se abra ao desenvolvimento, a solução que uma parte substancial das fontes destinadas a fins militares sejam utilizadas em outros

A transformação de Foz do Iguaçu com o início da construção de Itaipu

A explosão demográfica superou todas as estimativas e os povoados antes distantes, se tornaram bairros e alguns mais populosos que cidades.

Vários relatos dão conta de uma imensa cortina de terra vermelha pairando sobre Foz do Iguaçu. Quem migrava ou simplesmente queria conhecer a cidade nos anos 70, de longe, avistava um cogumelo de poeira. Isso era causado pela intensa movimentação de veículos, construções e pela expansão do perímetro urbano.

Foz do Iguaçu saiu de 1970 com 33.970 habitantes e chegaria em 1980 com 136.352 moradores, um aumento de mais de 300%. Havia gente de todos os estados brasileiros em busca de uma vaga na “obra”, assim simplificavam. Já a demanda por mão-de-obra provocava filas imensas nos centros de triagem dos consórcios. Entre 1978 e 1981, até 5 mil pessoas eram contratadas por mês. Ao longo da obra, em função do extenso período de construção e da rotatividade de funcionários, somente o consórcio Unicon cadastrou cerca de 100 mil trabalhadores.

No pico da construção da barragem, Itaipu mobilizou diretamente cerca de 40 mil trabalhadores no canteiro de obras e nos escritórios de apoio no Brasil e no Paraguai. Estima-se o número pode ser multiplicado duas vezes, levando em conta a rotatividade.

Quem não conseguia uma vaga de trabalho na “usina”, em geral, permanecia, atuando na construção civil, comércio, hotelaria e nas atividades informais fronteiriças. A migração forçou investimentos em moradias, mais de 9 mil foram construídas nas duas margens.

Na década de 60, havia oito escolas municipais em Foz do Iguaçu e mais nove escolas foram criadas pelo município, duplicando o número em apenas uma década. E este cenário de crescimento de escolas continuou na década de 80 com mais 14 unidades. Os números do transporte de materiais até a obra eram absurdos, mobilizando mais de 20 mil caminhões.

Ocorreram modificações no transporte público e na área de segurança, evidente o aumento no índice de ocorrências. Por meio de um programa, o governo federal financiou obras de infraestrutura em Foz, pois ainda não poderia utilizar recursos da Itaipu. Isso ajudou muito nas demandas administrativas do prefeito Clóvis da Cunha Viana.

Surgiram Bairros como o São Francisco, Morumbi, Portal da Foz, e várias localidades especialmente ao longo da bacia hidrográfica do rio M'boicy, incluindo todos os seus afluentes, os arroios Jupira, Ouro Verde, Festugato e Monjolo. Também houve loteamentos em vários pontos das bacias dos rios Mathias Almada, Pé-Feio, Bela Vista, Carimã, Tamanduazinho e Tamanduá. Locais já existentes foram ampliados como o Porto Meira, Jardim São Paulo e Vila

Yolanda, enfrentando grandes transformações e, apesar dos investimentos públicos, a precariedade era gritante sobretudo em épocas de chuvas, com os veículos necessitando de correntes em volta dos pneus para suplantar o lamaçal.

Durante este período de obras, ocorreu um aumento de estabelecimentos comerciais, industriais e prestadores de serviços, bem como as residências passaram a ser ligadas por rede de esgotos, abastecimento de água e os números telefônicos começaram a requerer a impressão de “catálogos”. Foz do Iguaçu foi inserida na condição de um dos municípios de maior crescimento do Paraná naquele período.

Um aspecto interessante, com as linhas públicas de transporte limitadas, as empreiteiras que atuavam na construção da usina, transportavam os trabalhadores, já identificados como “barrageiros”, em vagões rebocados por caminhões, congestionando os percursos em determinados horários.

No setor Oeste da cidade, no trecho que compreende a zona primária da Ponte da Amizade, desenvolveram-se as Vila Portes e Jardim Jupira, com o atendimento ao setor de exportações, bem como na oferta de gêneros que não eram produzidos no Paraguai.

Assim iniciou-se o “ciclo das compras”, intensificando a modalidade de transporte transfronteiriço e suas anomalias, como o contrabando de mercadorias “importadas” da Ásia, Europa e Estados Unidos, e, que passaram a ser levadas para cidades como São Paulo e Rio de Janeiro.

Em Itaipu, o processo de seleção era realizado em vários locais, mas o complexo onde hoje há o Ecomuseu era o mais movimentado. Além dos locais de entrevistas havia dormitórios e serviço de refeições. Pré-selecionados, em vias de conseguir emprego, utilizavam o local como uma casa de passagem, até se alojarem em edifícios na área da barragem, hoje convertidos em espaços de inovação, a exemplo do Parquetec.

As “vilas” de Itaipu concentravam os trabalhadores efetivados e que se submetiam à requisição de imóveis. Eram locais muito organizados, com policiamento próprio, escolas, atendimento médico e hospitalar, clubes e regras para a habitação, como fossem outras cidades. A Binacional controlava inclusive o trânsito local.



Fotos Itaipu/Fundação Cultural Colaboradores



Barrageiros: heróis que marcaram a história de Foz do Iguaçu

Como na construção das Pirâmides, das Muralhas da China, do Canal do Panamá e em outras obras de grande magnitude, trabalhadores se movem como formigas em meio à imensidão de atividades. Paraguaios e brasileiros de todos os rincões se orgulham de um dia terem sido “barrageiros”.



Fotos acervo histórico de Itaipu Binacional

Milhares de trabalhadores se alternaram na construção de uma das maiores obras já realizadas pelo homem. É importante ressaltar, que em uma busca comum nos meios eletrônicos, Itaipu aparece em quase todas as listas de dimensões, história, tecnologia, capacidade de operação e, no emprego da mão de obra. Assim, imaginamos que as pessoas que se deslocaram de todas as partes do país para trabalhar na construção da usina, em algum momento, pensaram como a gente que fez as Pirâmides do Egito, a Grande Muralha da China, o Canal do Panamá e obras como o Eurotúnel, pontes e arranha-céus.

O “barrageiro” e, a sua função laboral, se estabelece com mais destaque no ciclo das grandes barragens, iniciado em 1944, abrindo caminho para o desenvolvimento da eletrificação nacional, na construção de usinas. A iniciativa ampliou elevadas vezes a potência hidroeétrica do país;

causando impacto e desenvolvimento em muitas regiões do interior, por meio de acessibilidade e infraestrutura.

O “barrageiro” é uma figura que pode simbolizar o deslocamento de comunidades humanas no Brasil, igualmente aos outros grupos, ao longo das grandes obras humanas e que marcaram a história, em condições diferenciadas.

Para muitos foi um desafio precisar deixar a família em locais distantes, e, trabalhar na fronteira, na gigante Itaipu. Essas pessoas, em realidade, mudariam a vida e o destino da região, ajudando a moldá-la por meio de um impressionante processo de miscigenação. Hoje, esse esforço é reconhecido e homenageado dando nome à importantes espaços e monumentos.

Os visitantes de Itaipu Binacional, e mesmo os trabalhadores, se deparam na área do Mirante Central, com dois exemplos do carinho com o qual os trabalhadores são lembrados.

Um é a figura em aço, pesando cerca de duas toneladas, construída com a sucata de maquinários. Os próprios operários realizaram o trabalho.

Ao lado do “homem de ferro”, conhecido como “Nicão”, há outro monumento impressionante, uma das últimas obras assinadas pelo artista paranaense Poty Lazzarotto, um painel de 25 metros, inaugurado em 1998, ano de seu falecimento.

Os trabalhadores marcaram uma era de crescimento e por isso deram nome ao Teatro dos Barrageiros e ao novíssimo e recém-inaugurado Mercado, um novo ponto de atividades culturais e de lazer para a população local e turistas.



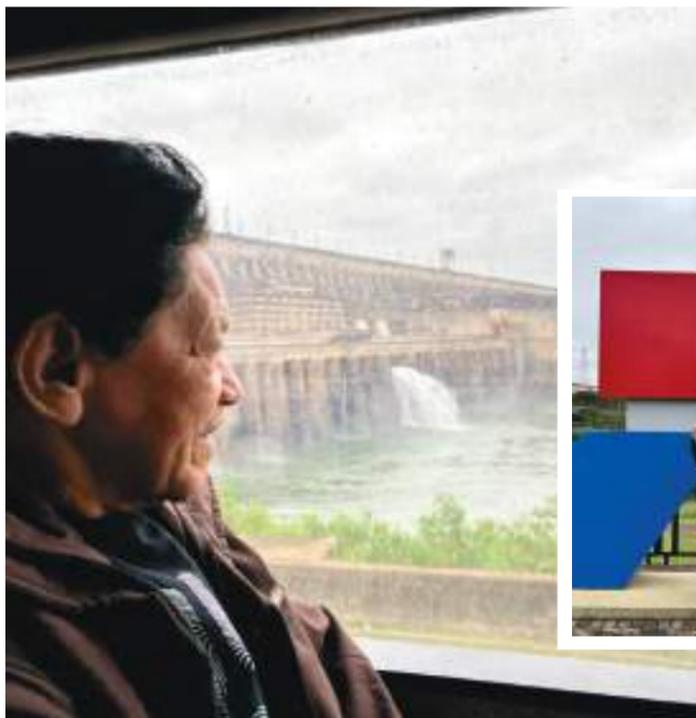
Histórias de vida e coragem dos trabalhadores que construíram Itaipu

O processo de seleção foi realizado em várias cidades; muitos deixaram o trabalho em outras empresas e acreditaram no destino e em Itaipu.

Osmar Reis da Silva foi operador de perfuratriz, um profissional que trabalhou com máquinas de perfuração, escavação e corte de rocha durante a construção da usina. Natural de Coqueiral (MG), Osmar e a família mudaram-se cedo para o Paraná, em Vera Cruz do Oeste, onde souberam das notícias sobre a construção de Itaipu.

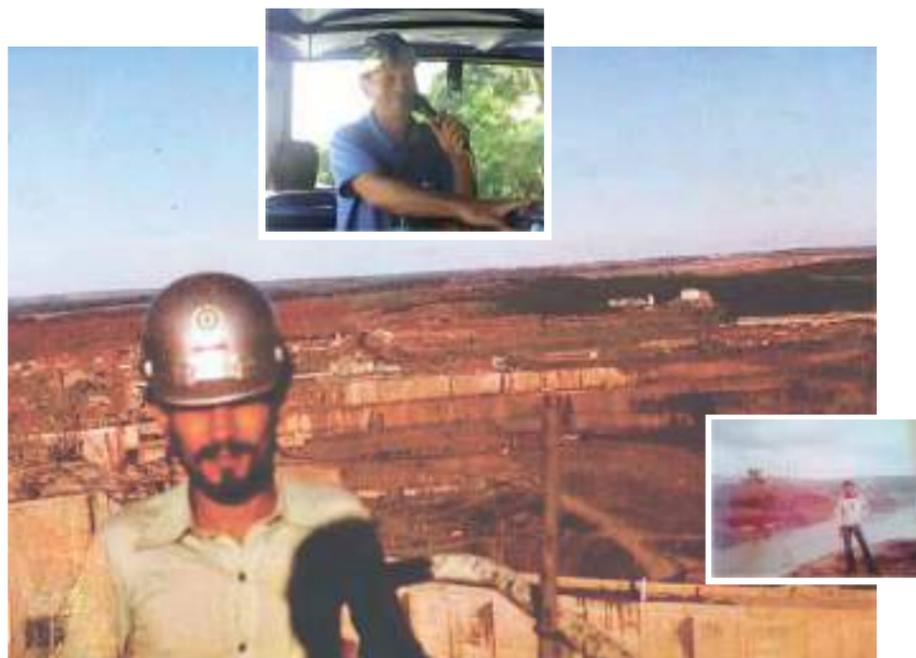
Ele e os cinco irmãos, que trabalhavam em lavoura, não pensaram duas vezes e vieram para a cidade em busca de melhores condições de vida. “O trabalho na roça era muito difícil, então a gente ouviu falar da Itaipu. Eu vim primeiro, depois meus irmãos, e aí trouxemos a família toda”. Osmar e os cinco irmãos trabalharam na obra. Ele foi efetivado no dia 14 de maio de 1977 e trabalhou até janeiro de 1983.

“A empresa precisava de funcionários, então foi muito tranquilo conseguir o emprego. Entrei como ajudante geral e depois fui promovido a escavador. Era um trabalho muito difícil e perigoso, era fazer escavação debaixo de rocha, pendurados. Trabalhávamos dia e noite, fazíamos hora extra, mas eu sou grato até hoje por essa oportunidade”, conta o ex-funcionário, hoje com 84 anos.



Com o encerramento dos trabalhos em Itaipu, Osmar voltou para Vera Cruz, mas o amor por Foz do Iguaçu já era grande e o retorno foi quase imediato. Ele construiu família em Foz do Iguaçu, teve seis filhos, sete netos – todos vivendo na cidade e a maioria reside até hoje Vila C, bairro que abrigou ele e os irmãos durante a construção da usina.

Juvenício Carvalho de Almeida tinha 25 anos quando viu, em um jornal de São Paulo, o anúncio de duas páginas convidando trabalhadores para a construção da maior hidrelétrica do mundo. Recém-formado como eletricista industrial pelo SENAI e em busca de um emprego fixo, ele foi até a praça onde acontecia a seleção dos trabalhadores e no mesmo dia, fez as malas para Foz do Iguaçu. Era 1977 quando Juvenício chegou à cidade e se instalou por definitivo.



“Sou do Tatuapé, em São Paulo. Aquele grande anúncio me chamou atenção e quando busquei os agenciadores, eles me ofertaram um salário três vezes maior do que eu ganhava, além de casa, comida e melhores condições de vida. Fiz as malas e vim”, conta.

Quando chegou, era só alegria e entusiasmo, relembra o ex-funcionário de Itaipu. “Viemos num ônibus lotado e fomos direto para o canteiro de obras. Ficamos no Hotel Diplomata nos primeiros dias e depois no alojamento. Passei também pela área 5 em Presidente Franco (PY), pela Vila C e Vila A. Foram, ao todo, 13 anos em várias funções na área elétrica”.

Juvenício se casou na cidade, teve seus quatro filhos e hoje, aos 72 anos, é com alegria que ele conta sua história com Itaipu. “Itaipu preparou para que os funcionários não tivessem problemas de saúde. A comida era excelente, os agentes de saúde aplicavam vacinas, cuidavam de tudo. Dentro do canteiro de obras tínhamos um centro comercial, inclusive com a banca do Caruso que vendia livros e revistas. Nada nos faltava”, afirma. De 2010 a 2016, Juvenício atuou como monitor de turismo na Itaipu.

Antônio Silveira da Silva, 75 anos, tem uma história inusitada com a cidade. Natural de Tubarão, em Santa Catarina, ele estava viajando para São Paulo em busca de emprego, quando uma situação o fez mudar os rumos. Era dezembro de 1975 quando o futuro barrageiro de Itaipu chegou em Foz.

“Naquela época, não tinha ônibus direto de Tubarão até São Paulo, então tinha que ir até Florianópolis e lá pegar outro ônibus. Quando cheguei em Florianópolis, encontrei um pessoal que estava vindo pra cá e me falaram que era só chegar e começar a trabalhar. Quando eu cheguei e recebi casa, comida, estudo e trabalho, pensei que esse era realmente o meu lugar”.

Antônio atuou por 14 anos na usina, casou, formou família e se considera um cidadão de Foz do Iguaçu. “Eu gosto demais dessa cidade, eu adoro Foz do Iguaçu. Meus filhos nasceram aqui e essa é a minha casa”. Antônio atua como monitor de turismo atualmente em Itaipu.

A formação da identidade social iguaçuense: do encontro de etnias à integração

Como será a identidade social das novas gerações, moldada pelo encontro de povos e quase uma centena de nacionalidades, ao lado de grandes obras humanas e heranças naturais, superando ciclos de devastação e trilhando o caminho da recomposição?

A definição étnica, a caracterização e identificação de uma sociedade, com base em atributos comuns, a cultura, o idioma, religiões, tradições, a geografia, bem como a ancestralidade, é uma tarefa científica e que requer aprofundado estudo, pesquisa e possivelmente décadas de convívio laboratorial.

Embora etnias compartilhadas contribuam para a formação de uma identidade coletiva, é necessário também apurar o senso de pertencimento e entender como ele se distingue em relação a outros grupos sociais.

Quais os valores e a percepção de identidade dos indivíduos que formam a sociedade iguaçuense? Há uma etnicidade construída? É possível descrever esta caracterização? Não trataremos aqui de raça, aspectos físicos ou biológicos, mas de uma população que conviveu com grandes transformações.

Boa parte da população hoje abordada como “trinacional”, ou os habitantes das cidades que compõem a Tríplice Fronteira, não eram nascidos nos anos 1960 e 1970, a população, segundo um artigo do professor, doutor em História da UNILA **Micael Alvino da Silva**, representava apenas 7% do número de habitantes contados nos anos 2010, quando Foz do Iguaçu chegou ao seu centenário. Segundo o autor, “no curto período de vinte anos, entre 1970 e 1990, houve um boom populacional na região”. O texto revela uma questão interessante: as pessoas viviam “temporariamente em Foz”, já, as novas gerações, não fazem “planos para mudar da cidade”.

Um fato: os nascidos ou chegados a essa região entre 1970 e 1990, estão assumindo postos e tomando decisões pessoais ou coletivas; é assim o protagonismo da “primeira geração do boom”. Por volta de 2030 a 2050, teremos a segunda geração de iguaçuenses.

Em artigo publicado na revista *Orbis Latina*, da UNILA, Micael Alvino, analisa a influência de Itaipu Binacional na experiência fronteiriça. O texto além de revelador, nos traz uma conclusão ajustada ao presente. Em suas “Considerações Finais”, “As famílias que chegavam ao Brasil ou ao Paraguai para trabalhar na construção Itaipu não filosofavam sobre integração ou aproximação entre povos da América do Sul. Eles faziam parte de um processo de integração social promovido pela necessidade de construir a usina.

Não estudavam integração, mas faziam integração. Reservadas as diferenças, o caso das crianças brasileiras que compartilhavam o espaço escolar com as crianças paraguaias lembra o que ocorreu nos primórdios da União Europeia. O primeiro passo da integração social na Europa também começou com crianças francesas compartilhando o espaço escolar com crianças alemãs. Como resultado, essas experiências contribuíram para conhecimento, respeito mútuo e relações sociais cada vez mais estreitas entre brasileiros e paraguaios.

Esse aspecto, que destaquei da nova experiência fronteiriça, é apenas uma parte da história da mais importante fronteira da América do Sul e de uma das fronteiras mais dinâmicas da América Latina (BLANC e FREITAS, 2018, p. 6). Para os fins deste ensaio, reforço

que a evidência para meu argumento da formação de uma nova mentalidade fronteiriça de integração regional a partir da Itaipu reside principalmente na memória dos construtores da usina. Chamados de barrageiros, é comum encontrar septuagenários nos espaços sociais dos bairros residenciais construídos por Itaipu na década de 1970. Essas pessoas, seus filhos e seus netos entendem a fronteira, especialmente a Tríplice Fronteira, como um lugar de encontro e não de separação entre o Brasil e o Paraguai. Esse foi um dos resultados produzidos depois que os Estados brasileiro e paraguaio decidiram seguir adiante com uma estratégia binacional de desenvolvimento regional”.

Para **Nara Oliveira**, professora universitária em Antropologia Cultural, curadora independente e autora do livro *Foz do Iguaçu Intercultural: Cotidiano e Narrativas da Alteridade*, os “Monumentos da Engenharia não nascem para provocar consensos, ao contrário, antes mesmo de brotarem da terra, já dividem opiniões, povoam as retóricas políticas, abastecem as pautas das mídias, enfim seu destino parece ser controverso. A Usina Hidrelétrica Itaipu, passadas 4 décadas da operação da primeira turbina, continua a atrair a atenção da opinião pública. Sobre ela, já se leu e ouviu falar de um tudo.

Em 1970, há 5 décadas, o advento das obras para a construção da Usina provocou uma espantosa transformação na vida dos pouco mais de 30 mil habitantes de Foz do Iguaçu. Em 1980, a população ultrapassou a marca dos 130 mil. Frequentemente, pessoas migram para trabalhar em grandes obras nas metrópoles, na pequena Foz do Iguaçu dos anos 70, além da hidrelétrica, os migrantes construíram uma nova cidade e, nela, uma vida urbana.

Sem dúvida, a construção da Usina está na origem da frenética mudança. Parte do reordenamento urbano, social e cultural foi previsto por Itaipu, entretanto, de lá para cá, a cidade descortinada, é outra. A Foz do Iguaçu de hoje corresponde ao espaço social construído cotidianamente por pessoas e grupos cujos pertencimentos transbordam os territórios. Os usos e apropriações dos espaços urbanos expressam a maneira que estes grupos encontram de identificarem-se com a cidade e por ela serem identificados. Talvez, a cidade imprevista, seja o maior legado decorrente desse episódio histórico. Nela, cada um de nós, pessoas vindas de diversos centros e locais, estados e países, habitam a cidade, criando, ocupando e percorrendo trilhas sociais.

Na Tríplice Fronteira, pessoas comuns preservam sentidos tradicionais e descobrem novos rumos, somam e subtraem sociabilidades, produzem, inventam e reproduzem práticas culturais na tentativa de conciliar múltiplos mundos e pertencimentos. A alteridade das gentes que configuram a paisagem humana e urbana do lugar e os variados modos de construírem suas vidas e de se relacionarem, parece ser a face mais sedutora e misteriosa da Foz do Iguaçu intercultural”.





Foz do Iguaçu: um fascinante laboratório de estudos sociais

Por meio de três artigos, o sociólogo e professor Afonso de Oliveira identifica as mudanças observadas em seu trabalho de campo de mais de quatro décadas.

A sociedade se transforma frente aos impactos e a academia estuda. Após a Segunda Guerra Mundial, sociólogos e antropólogos se mudaram para a Alemanha arrasada, cidades francesas e italianas, na missão de estudarem a recomposição das sociedades afetadas. Permaneceram por décadas analisando as transformações até publicarem os resultados. Os humanos estudam uns aos outros, como fazem os “brasilianistas” ou os “indigenistas” e, trazendo isso para o tecido social iguaçuense, há um cientista social desenvolvendo um trabalho há décadas, o professor e sociólogo **José Afonso Oliveira**.

Por meio de três artigos, o professor Afonso faz uma análise de nossa sociedade. Ele define assim, “**Quem é hoje o iguaçuense**”:

“A nossa sociedade brasileira é de migrantes externos, de africanos aqui colocados na função de escravos até europeus empobrecidos procedentes de sistemas agrários, oriundos para a expansão da nossa fronteira agrícola.

Enquanto tudo isso ocorria, em Foz do Iguaçu, no início do século passado, mantinha-se uma sociedade de personagens argentinos e paraguaios e em proporções muito significativas. Isso quer dizer que desde os primórdios a presença de culturas e povos diferenciados marca a nossa formação social. Atualmente mantemos, por exemplo, a segunda comunidade árabe do Brasil só superada pela cidade de São Paulo. Mas por aqui, entendendo que seja algo muito natural, convivemos em profunda harmonia com povos de várias e diferentes origens. De uma certa forma, vivemos cada uma dessas culturas e até chegamos a criar um idioma próprio o famoso ‘portunhol’, tão comum em nossa cidade; o árabe é também muito falado e chega a ser comum, igualmente no uso de expressões guaranis.

Essa nova sociedade que em Foz vivemos, apresenta-se como um modelo de futuro, onde as pessoas desenvolverão o convívio com os seus diferentes. Aqui já sabemos, na prática, como viver entendendo que o outro é aquele que é diferente de mim mesmo’.

Com a criação e funcionamento do Mercosul nos aproximamos mais dos nossos vizinhos paraguaios e argentinos, buscando realizar projetos, sonhos e utopias de uma vida bem diferente em busca da felicidade. Cada um de nós tem a sua contribuição e o conjunto é a constituição de uma nova sociedade que deverá evoluir e muito, buscando superar as suas gritantes desigualdades sociais.

Não podemos mais viver ou melhor, conviver com elas, as desigualdades, como se fossem coisas naturais, pois não são da natureza e sim da sociedade e, por conta disso, podem e devem ser alteradas. Temos que criar essas novas alternativas, pois há uma boa base de convivência com os nossos diferentes, pessoas de outras origens, que aqui permanecem. Seremos assim uma nova sociedade, um modelo no mundo agora globalizado, aproximando as pessoas e as culturas. Resumindo, pertencemos a uma grande e boa sociedade em perfeita harmonia consigo mesmo, e com a natureza, da qual fazemos parte.

Em “**A Sociedade dos Crachás**”, o sociólogo Afonso de Oliveira, lembra a construção da hidrelétrica e os consórcios, com as pessoas identificadas por crachás. “Daquela forma todos sabiam com quem estavam falando em uma simples troca de ideias. Por outro lado, o uso do crachá era importante na obra, por exemplo, no acesso aos restaurantes; diferenciando os que seriam servidos pelos garçons e quem enfrentaria a fila das bandejas. E assim sabíamos quem habitava a ‘Vila B’, dos engenheiros e administradores, a ‘Vila A’ dos técnicos, ou a ‘C’, destinada aos operários; bairros completamente distintos quando olhávamos para a cidade, num todo. “Mas independentemente dessa questão a cidade cresceu atraindo pessoas de todas as partes do Brasil, do Paraguai e da Argentina.

Na linha de uma trilogia de pensamento, Afonso define “**Uma nova cidade**”: “com a construção da hidroeétrica de Itaipu e a criação de uma sociedade dos crachás, como observamos antes, lembrando a posição hierárquica entre os trabalhadores, é possível acompanhar o surgimento de aglomerados de moradores na cidade, como no chamado Rincão São Francisco, originado por trabalhadores sem acesso às moradias no canteiro de obras. Somente alguns anos depois é que a Prefeitura de Foz do Iguaçu vai regularizar todo essa região, originando o atual bairro.

Mas há uma outra questão, Itaipu se tornou um catalizador para a chegada de pessoas de todas as partes do Brasil, também do Paraguai e em menor quantidade da Argentina, outros países latino-americanos e por fim, até que europeus destacados por suas empresas, fornecedoras de tecnologia. Muitos inclusive permaneceram. Isso causou um assentamento em todo o perímetro periférico da cidade. É quando o poder público começa a ofertar os conjuntos habitacionais da Cohapar e Vila Militar. Surge também o Proliburb destinado a moradores de baixa renda, projetado e executado pelo Município. Evidente que por trás de tudo isso está muito presente a figura do especulador imobiliário, tornando as áreas urbanas mais valorizadas, com um dos metros quadrados mais caros do país. Pode-se afirmar, que esse fator impulsionou o que hoje são os condomínios fechados, destinados a pessoas de altas rendas, desfrutando os acessórios de lazer e segurança destinados ao uso de seus moradores; comunidades fechadas, indistintas.

Há o aspecto da verticalização com edifícios de todos os padrões, com um aspecto diferente do horizonte nos anos 70 e 80 (foto). É essa estratificação social que está presente e que estamos inseridos, cuja tendência é sempre o crescimento, ao lado de uma situação trágica, as favelas, ocupações em áreas verdes e margens de rios e arroios”.





A formação do Lago de Itaipu e a ousada Operação Mymba Kuera

A operação colocou em prática a preparação de vários anos e é considerada um ponto de virada, afinal, com a formação do reservatório, Itaipu Binacional se impôs entre dois contextos, o desenvolvimento e o meio ambiente.

Os grandes e sucessivos eventos de Itaipu foram acompanhados pelo mundo. Tudo o que acontecia era proporcionalmente muito maior que em outras barragens ou em grandes demandas da construção civil. Foi assim nas sete fases programadas de construção, da escavação do canal de desvio até a operação das 20 unidades geradoras.

Um dos pontos mais significativos aconteceu em 20 de outubro de 1978, na explosão de duas ensecadeiras, criando o Canal de Desvio, abrindo o caminho para a construção da barragem principal, barragem lateral direita, barragens de terra e de enrocamento e vertedouro. A importância da etapa é celebrada atualmente como o Dia do Barrageiro. Os então presidentes do Brasil, Ernesto Geisel, e do Paraguai, Alfredo Stroessner, acionaram juntos a chave para iniciar a explosão. No conjunto de eventos, assinaram o contrato para a compra das primeiras 18 unidades geradoras de Itaipu.

Tornou-se, de certa forma comum, os moradores de Foz do Iguaçu irem até uma posição mais alta e próxima da usina, na BR 600, e, lá, vislumbrarem a movimentação de caminhões gigantes, gruas despejando concreto e aos poucos, as armações de ferro serem preenchidas, até formarem a “crista da barragem”, o ponto mais alto da usina. Foi uma ação ininterrupta com grande aparato de iluminação para as tarefas noturnas. A rodovia de 6k foi construída para dar suporte às obras e hoje se chama Tancredo Neves.

Dois dias antes da data prevista, em 13 de outubro de 1982, as comportas da estrutura de controle de desvio, foram baixadas, bloqueando o curso do Rio Paraná, e com isto, originando a formação do reservatório. Iniciou-se então, uma das atividades mais emblemáticas da história de Itaipu e que muitos consideram fundamental para o início da era ambiental.

Apesar do enchimento das margens, cobrindo vilarejos e obrigando pessoas a se mudarem para localidades distantes, e dos dias contados para o desaparecimento das Sete Quedas, a formação do Lago de Itaipu marcaria uma virada. Itaipu Binacional se impôs entre dois contextos históricos: o desenvolvimento e o meio ambiente, por meio de um programa de cuidados com a natureza jamais visto em obras de hidrelétricas e que, com o passar dos anos, recomporia o que fora destruído em meio século de colonização desordenada.



Iniciou-se também a fase mais ousada da Operação Mymba Kuera.

Em verdade, as providências começaram, sete anos antes, com a realização projetos e inventários, coletas, análises e classificação de espécies animais e vegetais, bem como obras em viveiros, cuidados com a arqueologia e, com os habitantes que seriam transferidos.

A iniciativa de “pegar-bichos”, em suas fases, contou com engenheiros florestais, médicos veterinários, agrônomos, biólogos, zootécnicos, além do emprego de mobilização e logística, utilizando marinheiros, policiais militares e muitos equipamentos como veículos, embarcações e helicópteros para atender 1.350 km² da área do reservatório, nas duas margens. Primeiro foi implantado o Refúgio Biológico Temporário de Alvorada, com cerca de 10 hectares de florestas, em Alvorada do Iguaçu, depois o Refúgio Biológico de Bela Vista, abrigando 2.600 hectares próximo ao canteiro de obras.

Mas, em 13 de outubro de 1982, em condições meteorológicas muito desfavoráveis, 11 bases operacionais entraram em alerta para receber as 33 equipes se deslocando pelas estradas e locais que seriam cobertos pelas águas, iniciando uma tarefa ímbar. Embarcações partiam e regressavam o dia todo nas tarefas de resgate, envolvendo quase mil pessoas, somadas aos institutos, empresas especializadas, consultorias, laboratórios, universidades e organismos oficiais.

O saldo, além da quantidade de animais resgatados, foi a dimensão do respeito com as causas naturais e como fora ampliado nos anos vindouros, no trabalho de perpetuação de muitas espécies em risco de extinção, e como esse trabalho povoaria uma nova floresta, interligando a mata natural interrompida pela ação colonial e desbravadora. Com o Lago de Itaipu, as matas ciliares, o plantio de milhões de árvores e, o Corredor da

Biodiversidade do Rio Paraná.





De terra devastada a Reserva da Biosfera: o reflorestamento ambiental realizado por Itaipu

Foi preciso muito empenho, dedicação e estratégias para atrair a população lindeira e parceiros em um dos mais exemplares programas de restauração da fauna e flora.

Foi muito curto o espaço de tempo entre o fechamento das comportas até a geração de energia, em maio de 1984. Na verdade, o ritmo de construção de Itaipu demandou muito empenho na instalação das unidades geradoras, que logo manteriam patamares muito altos de produção.

Enquanto isso, com o reservatório em formação, iniciou-se o plantio de matas ciliares, bem como vários projetos na área da piscicultura e também de lazer e turismo, com balneários e praias artificiais. Se algumas cidades perderam áreas, outras ganharam melhorias que agradaram e muito as populações.

A construção de Itaipu desapropriou mais de 100.000 hectares, entre 1978 e 1992. Cerca de 8,5 mil propriedades foram adquiridas, em sua maioria rurais. Estima-se que mais de 40 mil pessoas foram afetadas.

Os governos brasileiro e paraguaio recebem uma compensação financeira pela utilização do potencial hidráulico do Rio Paraná para a produção de energia elétrica na Itaipu. Essa compensação, chamada de royalties, começou a ser paga em março de 1985, conforme estabelecido no Anexo C do Tratado de Itaipu, assinado em 26 de abril de 1973.

No Brasil, o Tesouro Nacional recebeu integralmente os royalties desde o início da geração de energia da Itaipu, e, em acordo com uma Lei específica, realiza a distribuição da compensação financeira em 45% aos Estados, 45% aos municípios e 10% para órgãos federais, como o Ministério do Meio Ambiente, Ministério de Minas e Energia e Fundo Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Da parcela reservada a Estados e municípios, 85% do valor repassado é pago a unidades federativas diretamente atingidas pelo reservatório da usina. Quem define a distribuição dos royalties, proporcionalmente à área alagada é a Aneel - Agência Nacional de Energia Elétrica.

Uma operação de tal magnitude, com negociações tão complexas, resultou em maior aproximação com os lindeiros, proprietários rurais e municípios. Sem essa parceria,

a tarefa de criar o Corredor da Biodiversidade não teria sido tão exitosa.

Uma série de projetos foram desenvolvidos para atender as áreas afetadas, como uma rede de abastecedores e apoio à novas práticas, que em muito se diversificaram, dando sentido a uma nova agricultura. As comunidades passaram a contar com pontos de captação de água para o consumo, irrigação, corredores para a passagem de gado, áreas de pesca, bases náuticas, e com isso programas fundamentais na área de educação ambiental.

Programas de grande envergadura, como o Cultivando Água Boa chamaram muito a atenção e causaram grande envolvimento nas comunidades com participação permanente, mitigando e corrigindo passivos ambientais. Trabalhar com a sociedade foi importante para causar mudanças de comportamento e valorização ambiente, por meio de sensibilização, informação e capacitação a mudança.

Essas atividades ajudaram muito em alterar a relação dos habitantes com o seu meio, a natureza e recursos naturais, no seu manejo sustentável. Tudo passou a se alinhar ao conceito de sustentabilidade, com ações na área do desenvolvimento rural, biodiversidade, agricultura familiar, produção de orgânicos, diversificação agropecuária, e, com a devida assistência técnica, monitoramento e constante avaliação.

O conjunto de ações e os cuidados coletivos, possibilitaram a formação do Corredor da Biodiversidade, reconectando remanescentes florestais permitindo novamente o trânsito de animais da fauna nativa, eliminando o isolamento das populações silvestres. Isso resultou em conectividade de ecossistemas, articulando instituições no planejamento e execução de ações para essa restauração e conservação. Isso foi possível graças ao empenho por meio reuniões, simpósios, promoção de cursos com os parceiros do projeto, garantindo a segurança hídrica, consolidando o processo de gestão

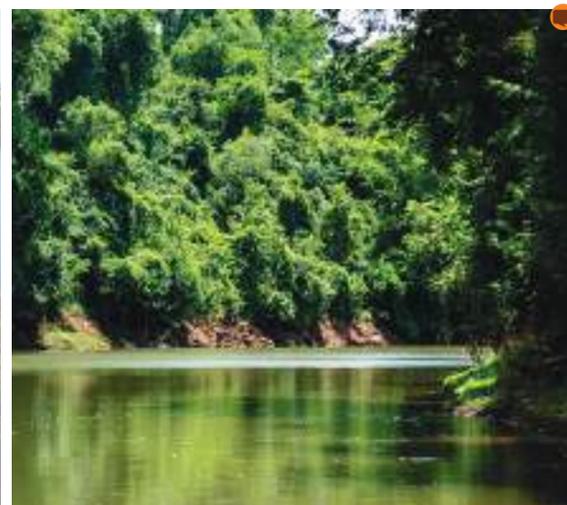
socioambiental nas bacias hidrográficas; conservando o meio ambiente e a diversidade biológica.

O Atlas dos Remanescentes Florestais da Mata Atlântica, produzido pela Fundação SOS Mata Atlântica e Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE), mostra que entre os anos 1985 e 2015, o Paraná se destaca como o estado que mais contribuiu para a restauração da Mata Atlântica no Brasil, com 75.612 hectares (ha) regenerados. Dessa área, 28% (ou 20.957 ha) correspondem às ações da Itaipu na margem brasileira do reservatório. Mais de 24 milhões de árvores ajudaram a floresta a renascer.

O Corredor Ecológico Santa Maria conecta o Parque Nacional do Iguaçu ao Parque Nacional de Ilha Grande, e ao Corredor de Biodiversidade Trinacional, que abrange áreas de proteção no Paraguai e na província argentina de Misiones. O Parque Nacional do Iguaçu, segundo os pesquisadores, é o último grande remanescente do bioma Mata Atlântica no interior do Brasil. Os resultados desse elevaram as duas margens do Lago de Itaipu como Reservas da Biosfera pelo UNESCO.

Itaipu, com ações ambientais e sustentáveis assim, mostra a face de que é possível produzir energia limpa e renovável sem comprometer a biodiversidade, ampliando inclusive os conceitos de convivência com a fauna e a flora. Em pouco mais de quatro décadas, a Binacional, além de energia, gera exemplos de como o homem manter ao máximo o equilíbrio para garantir as futuras gerações.

O mundo reúne líderes e formula compromissos para salvar os recursos naturais e conter a devastação e escalas monumentais, mas há quem fala a lição de casa e por isso, se torna exemplo, como é o caso de Itaipu Binacional.



Refúgio Biológico de Itaipu: 40 anos preservando a fauna e flora

Unidade foi criada para receber milhares de plantas e animais desalojados quando da formação do reservatório da usina. Espaço é símbolo máximo de proteção ao meio ambiente



O espaço foi planejado bem antes, mas celebra a sua inauguração em 27 de junho de 1984. O Refúgio Biológico Bela Vista (RBV) de Itaipu foi concebido para receber os milhares de animais resgatados e desalojados durante a formação do reservatório de Itaipu e para a produção de mudas na composição dos programas de reflorestamento das margens do lago, expandindo o Corredor da Biodiversidade do Rio Paraná. Mas a tarefa aumentou e muito com o passar dos anos. O RBV ainda atua em atender resgates e trabalha a perpetuação de espécies em risco de extinção.

O Refúgio é um dos símbolos da Itaipu quando o assunto é a preocupação em proteção ambiental e reúne, a maior diversidade possível de espécies da flora e fauna regional, sobretudo as que enfrentaram os ecossistemas afetados, antes mesmo da formação do reservatório da hidrelétrica.

O recinto alcançou a maturidade como centro de referência, recebendo estudiosos e pesquisadores de todo o mundo tanto para demonstrar seus programas e experiências, como no intercâmbio em várias áreas.

Destacam-se trabalhos de reprodução de espécies raras ou em vias de extinção, com investimento na coleta de material genético e incentivo à reprodução em cativeiro, em animais como as onças, que estão no topo da cadeia predatória. Animais são avistados passeando pelas áreas recompostas e os vestígios levam a crer que possuem uma vida saudável. Uma das evidências de uma floresta em boas condições de preservação, é a presença dos felinos de grande porte.

A fauna nativa regional é estudada nos programas do Refúgio e os resultados se denotam pelo índice de nascimentos, com mais de 1.200 registros. Espécies como as antas, capivaras, jaguatiricas, veados-bororó, gatos-maracajá, dentre outros, são acompanhados pelos técnicos.

O Refúgio é referência no manejo de harpias, espécie ameaçada de extinção, da mesma forma, é o único centro de estudos no país na área da reprodução continuada de aves. Em mais de vinte anos já foram registrados 56 nascimentos de gaviões reais, por exemplo. Um dos êxitos do RBV é conseguir duas gerações nos programas

continuados, ou seja, com filhotes de aves já nascidas em cativeiro. Fatores assim credenciam a entidade na exportação de harpias para criadouros em outros países. De Foz já saíram casais dessa espécie para a França e Alemanha, além de outros indivíduos para zoológicos e criadouros de diversos estados brasileiros.

Há o manejo e produção de mudas florestais de mais de 100 espécies utilizadas para a recuperação das matas, e no ervanário, são produzidas e processadas diversas espécies de plantas medicinais. O projeto "Opaná – Chão Indígena" recebeu 1.210 mudas de plantas medicinais em iniciativa da Fundação Luterana de Diaconia (FLD) em parceria com a própria Itaipu. Trata-se de uma atuação sustentável, ambiental e alimentar de comunidades Guarani do Oeste e Litoral do Paraná. Entre as espécies, estão a alfavaca, arnica, boldo, cavalinha, centelha asiática, ginseng, hortelã, jambu, jurubeba, malvarisco, maracujá, manjerona, orégano, penicilina e salva-cidreira. O cultivo e o uso tradicional das plantas medicinais, contribui para a saúde e a preservação dos saberes ancestrais das comunidades. As plantas medicinais desempenham um papel muito relevante dentro das comunidades indígenas, sendo utilizadas há séculos como fontes primárias de tratamento natural. Muitas dessas plantas contêm compostos bioativos com propriedades anti-inflamatórias, antimicrobianas e antioxidantes que ajudam a prevenir e tratar diversas doenças, além de possuírem finalidades de fortalecimento espiritual dentro da visão indígena.

O Refúgio Biológico, referência de preservação da fauna e da flora, é reconhecido como um posto avançado da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica. Parte dos recintos estão inseridos nos roteiros de visitação turística em Itaipu, onde os visitantes, testemunham os cuidados e formam opinião sobre o empenho e a atenção de Itaipu ao meio-ambiente.



Canal da Piracema: a solução de Itaipu para garantir a migração dos peixes do Rio Paraná

Não é errado avaliar, que a soma de ideias e a preocupação dos cientistas com a ictiofauna fez nascer um engenhoso empreendimento para garantir a sobrevivência das espécies que habitam o Rio Paraná e suas províncias biogeográficas.

O conjunto de espécies de peixes e animais aquáticos que habitam o Rio Paraná, além de rico, é importantíssimo para o equilíbrio biológico. Itaipu Binacional pela força de sua construção se atravessou no leito do rio, obstruindo o caminho da ictiofauna, impedindo que migrassem para desovar. Isso, antes, acontecia na área das Sete Quedas, logo, abreviar abruptamente, a distância de 170 quilômetros, dificultaria e causaria alterações na procriação de dourados, curimbas, piaparas, pacus e os cardumes de quase 500 espécies regionais catalogadas.

Os biólogos começaram a avaliar, então, a maneira de criar um acesso para os peixes, imaginando algo como uma escada entre as rochas, simulando um curso natural de migração, inspirando-os à desova. O projeto passou a ser estudado.

Há dois momentos à serem destacados na concepção de uma iniciativa que seria robusta, tentando imitar a natureza; um foi quando o biólogo José Roberto Borghetti realizava o mestrado nos E.U.A. e foi conferir um canal no Estado de Washington para a migração dos salmões, e ou outro, mais casual, aconteceu quando Domingo Rodrigues Fernandez avaliava os afluentes no entorno da barragem. Ao observar a foz do Rio Bela Vista, notou que havia um caminhão caçamba, carregando terra, indo em frente ao seu veículo e quando ele cruzou o riacho, literalmente atropelou dois peixes, uma curimba e uma piapara.

De pronto o biólogo estacionou o carro para entender o recado dos peixes, que praticamente sinalizaram por onde poderiam encontrar o caminho para a desova, nos períodos da Piracema. Domingo procurou informações sobre a cota do rio, e entendeu que havia uma viabilidade de conectá-lo ao reservatório da Usina.

O biólogo possuía muitas informações, acumuladas de seu doutorado na UFPR, onde um dos

trabalhos foi justamente uma escada experimental para peixes, onde estavam os parâmetros hidráulicos para o futuro e definitivo canal.

O Canal da Piracema foi inaugurado em dezembro de 2002. O sistema de 10,3Km de extensão forma um corredor ecológico, permitindo que os peixes migradores superem os 120 metros de desnível médio da barragem de Itaipu e alcancem as áreas de reprodução na planície do Alto Rio Paraná e Parque Nacional de Ilha Grande.

Para a construção do canal, a Itaipu se baseou em estudos prévios, conduzidos em parceria com a Universidade Estadual do Oeste (Unioeste) sobre a distribuição de ovos e larvas de peixes na região, evidenciando a importância do reservatório como área de desova e desenvolvimento inicial de espécies nativas.

Os estudos de reprodução dos peixes, a propósito, são realizados de forma contínua. Desde 2004 a empresa realiza inventários para identificar as espécies presentes no Canal da Piracema, aproveitando para marcar os indivíduos migratórios que são capturados.

Graças a esses levantamentos, foram identificadas 186 espécies. Além daquelas que utilizam o acesso como um corredor de biodiversidade, muitas outras espécies nativas consideradas sedentárias desenvolvem todo o seu ciclo de vida no canal e em seu entorno, aproveitando a grande diversidade de ambientes encontrados ao longo do sistema. Muitas dessas espécies são raras, o que também indica que o Canal da Piracema, é uma importante área protegida, pois oferece refúgio aos peixes nativos.

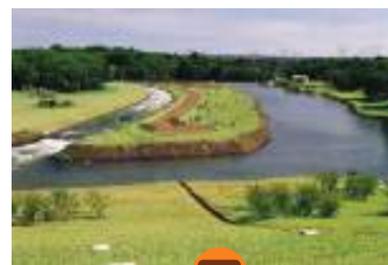
Para compreender melhor de que forma as espécies migratórias aproveitam o “Canal” como corredor de transposição, a Itaipu realiza, desde 2009, o monitoramento eletrônico da ictiofauna utilizando marcas

do tipo PIT-Tag (Passive Integrated Transponder). Quatro conjuntos de antenas instaladas em seções ao longo do percurso, operam por 24 horas, registrando data e hora de passagem dos peixes marcados.

As marcas, contidas em cápsulas de vidro com 23 mm de comprimento e tem formato alongado, são implantadas, com auxílio de uma pequena incisão, na cavidade abdominal dos peixes que são capturados no interior do Canal. Sempre que se aproximar de uma antena o peixe será registrado, já que a vida útil das marcas é ilimitada.

Mais de cinco mil peixes já foram marcados. Graças a esta tecnologia, foi possível registrar, pela primeira vez, a passagem de peixes marcados nos elevadores da usina hidrelétrica Entidad Binacional Yacyretá, a próxima barragem à jusante da Itaipu, no rio Paraná. Um dourado e um pintado venceram os mais de 400 km entre as duas barragens, encontraram a entrada do Canal e o deixaram em direção ao reservatório, comprovando que mesmo peixes vindo de muito longe são capazes de transpor a barragem pelo Canal da Piracema.

O fabuloso cuidado com a natureza, também abriu espaço para o homem, uma vez que uma parte do canal de transposição passou a ser utilizado na prática da canoagem olímpica, revelando atletas de nível internacional. A iniciativa é um exemplo e como homem se integra ao ambiente, convivendo com as espécies.





**Nem toda
energia gerada
nesses 50 anos
pode ser medida
em megawatts.**

**A Itaipu Binacional
completa meio século
produzindo importantes
avanços sociais,
humanos e ambientais.**

Referência mundial na produção de energia limpa e renovável, a **Itaipu Binacional** vive uma nova e profunda transformação.

Cada vez mais focada na humanização e no desenvolvimento sustentável, a empresa segue investindo no fortalecimento da produção energética. Mas seus horizontes se ampliaram. Nesse futuro que já se faz presente, o respeito à vida vem em primeiro lugar.

Itaipu
50
ANOS





HMCC: conheça a trajetória de um dos principais hospitais do Brasil

O Complexo Hospitalar Ministro Costa Cavalcanti é uma das entidades que caminha ao lado de Itaipu desde o início das obras e hoje beneficia toda a comunidade.

Desde a preparação para o início das obras, a então maior usina hidrelétrica do mundo, se antecipou e instalou três ambulatórios médicos para atender os operários. Um deles ficava no próprio canteiro de obras, outro na Vila A, conhecido como “Madeirinha” e a terceira unidade na Vila C, chamado “Madeirão”. A empresa providenciou contratos com entidades hospitalares para atender os trabalhadores.

Com o crescente número de operários e seus familiares, foi preciso ampliar o atendimento, e, em 1979, é inaugurado o Hospital de Itaipu, em uma área de 11.500 m², que abrigou, de início um ambulatório médico, um pronto-socorro 24 horas e 181 leitos de internação. A estrutura e os equipamentos eram os mais modernos da época.

Futuramente, em 1991, o hospital foi nomeado de Ministro Costa Cavalcanti, uma homenagem ao primeiro Diretor-geral Brasileiro de Itaipu, General José Costa Cavalcanti.

Na década de 1990, com a redução substancial dos empregados que trabalhavam na construção da usina, a estrutura do hospital começou a se mostrar ociosa e, paralelamente, a demanda por serviços de saúde em Foz do Iguaçu e região era superior à oferta. Diante disso, a Diretoria da Itaipu entendeu que deveria abrir a estrutura para a comunidade.

Várias alternativas foram estudadas para a prestação do serviço; a que se mostrou mais viável foi a criação da Fundação de Saúde Itaipuapy, em 26 de outubro de 1994. Administrado assim, o Hospital Ministro Costa Cavalcanti ampliou a sua abrangência de atendimento para toda a comunidade, e não apenas aos funcionários da Itaipu e seus dependentes.

Ao longo dos anos, o Hospital Ministro Costa Cavalcanti (HMCC) passou por diversas fases de modernização e expansão. O que fora uma pequena unidade de saúde com algumas dezenas de leitos, para atender os operários durante a construção da Itaipu Binacional, se transformou em um complexo hospitalar com 206 leitos, tecnologias de ponta; um corpo clínico especializado e profissionais capacitados em mais de 40 diferentes áreas.

Em 2024, o HMCC celebrou 45 anos de dedicação, inovação e compromisso com a saúde da comunidade, destacando-se como um dos principais centros de saúde da região e oferecendo uma ampla gama de serviços médicos de alta qualidade.

Por meio dos investimentos de Itaipu Binacional, o hospital cresceu, enfrentou muitas reformas, ampliações e a implantação de novos serviços. Hoje atende, em média 80% dos pacientes do Sistema Único de Saúde (SUS), emprega em torno de 1.300 trabalhadores e possui um corpo clínico formado por mais de 400 médicos. Com mais de 256 mil metros quadrados de área construída, o HMCC oferece desde pronto atendimento até serviços de alta complexidade.

O hospital conta com um Laboratório de Análises Clínicas 24 horas, que garante o máximo de segurança e precisão na realização de diversos exames. A instituição iguaçuense também é referência para Oncologia, Cardiologia, Gestação de Alto Risco e Neonatologia. Isso significa que pacientes atendidos nas Unidades Básicas de Saúde (UBS) ou Unidades de Pronto Atendimento (UPA) 24 horas e que são diagnosticados com alguma doença nestas áreas, serão atendidos pelo hospital em casos de urgência e emergência. Já na parte de oncologia, do diagnóstico ao tratamento, os pacientes têm acompanhamento no complexo hospitalar.

Já na Gestação de Alto Risco, o Centro de Atendimento à Gestante (CAGE) recebe mulheres para pré-parto, parto e pós-parto. Além disso, ainda são 12 leitos de Unidade de Terapia Intensiva Neonatal e outros seis de UTI Pediátrica para pacientes do sistema único.

O atendimento médio de 80% a pacientes SUS reforça o título de “Instituição Filantrópica” do HMCC, concedido pelo Ministério da Saúde em 2011.

“Nosso compromisso em atender pacientes do SUS reflete a responsabilidade social que assumimos como instituição de saúde. Acreditamos que o atendimento de qualidade deve ser acessível a todos, independentemente de sua condição social, e esse é um pilar fundamental da nossa missão”, explicou o diretor-superintendente do HMCC, Gilmar de Oliveira.



Os números comprovam a excelência do Hospital Ministro Costa Cavalcanti

No primeiro semestre de 2024, o hospital realizou quase 4 mil cirurgias, abrangendo desde procedimentos de baixa complexidade até intervenções altamente especializadas.

Foram 2.174 partos, mais de 60 mil atendimentos no Centro Clínico, 26 mil atendimentos no Pronto Atendimento e Pronto Socorro, evidenciando a confiança da população nos serviços prestados, proporcionando agilidade e eficiência no cuidado à saúde.

Nos últimos seis meses foram realizadas, tanto no Centro Clínico quanto na Clínica de Oncologia, mais de 18 mil atendimentos, sendo 8.755 sessões quimioterapias para 2.074 pacientes em tratamento nesta modalidade, 5.262 sessões de radioterapia, com 431 pacientes tratados.

Ainda neste período, o HMCC contou com a abertura do Pronto Atendimento Oncológico, que realizou mais de 300 atendimentos por mês. Já a Clínica de Cardiologia efetuou mais de 7 mil consultas.

O Laboratório do HMCC é referência em precisão e rapidez. Nos primeiros seis meses do ano, foram realizados mais de 700 mil exames laboratoriais, incluindo análises clínicas e testes especializados. Em 2023, foram contabilizados cerca de 1,2 milhão de exames, demonstrando a capacidade de resposta do hospital às necessidades diagnósticas da população. No último ano, o laboratório passou por grandes reformulações em suas rotinas e protocolos, juntamente com a ampliação da sua área técnica e a criação do Núcleo Técnico Operacional (NTO), espaço que possui mais de 700 metros quadrados e onde são executados exames com a mais moderna tecnologia em equipamentos de análises clínicas.

Já o Hemonúcleo de Foz do Iguaçu, único hemocentro vinculado à rede Hemepar administrado por um hospital privado, realizou 8.331 transfusões atendendo à 9ª Regional e coletou quase 17 mil bolsas de hemocomponentes.

Ao comemorar 45 anos, a instituição não apenas celebra sua história, mas também olha para o futuro, com planos de expansão, modernização e melhoria contínua. Novos investimentos em infraestrutura, ampliação dos serviços e a

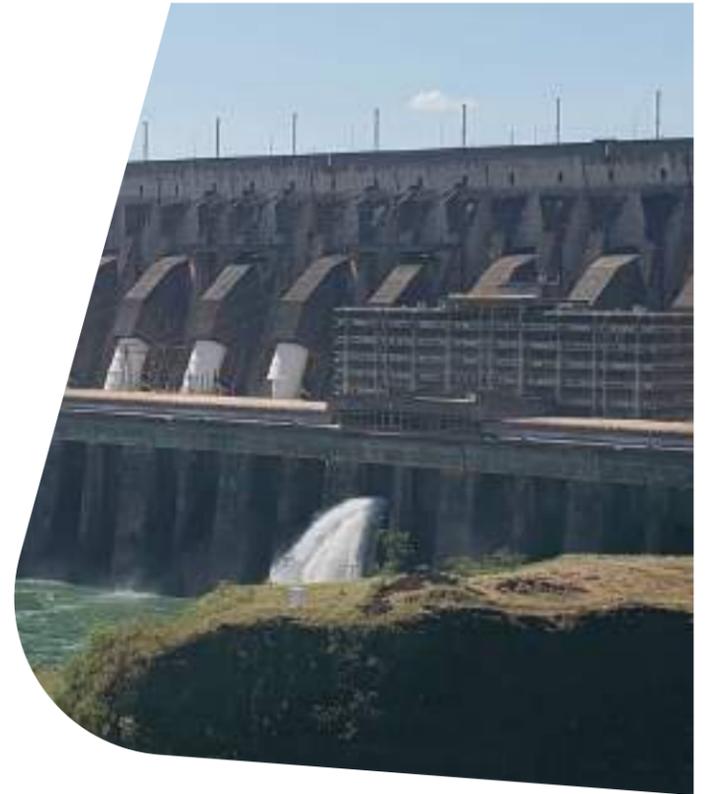
incorporação de tecnologias de ponta são algumas das estratégias para continuar atendendo com excelência e humanidade.

A Fundação de Saúde Itaiguapy, instituição administradora do hospital, aprovou em 2024 o novo planejamento estratégico para o horizonte dos próximos cinco anos, em consonância com as orientações estratégicas da atual diretoria da Itaipu Binacional, sua instituidora. “Nele estão contemplados um conjunto de objetivos e metas desafiadoras que traduzem o anseio de nos consolidarmos como uma instituição de referência na Excelência do Cuidado em Saúde, de forma Humanizada e Sustentável, e que irão orientar a implementação de diversos projetos de revisão e melhorias de processos assistenciais, administrativos e operacionais”, explicou o diretor-superintendente Gilmar de Oliveira.

O Hospital Ministro Costa Cavalcanti (HMCC) permanece pelo 4º ano no ranking dos Melhores Hospitais do Brasil, segundo levantamento da revista americana Newsweek, em parceria com o World's Best Hospitals 2023. O HMCC conquistou a 16ª posição no âmbito nacional e sustentou o posto de 1º do Paraná e 3º melhor do Sul do Brasil. Em 2023, contou ainda com melhora no score em comparação a 2022, que era de 77,70%, subindo para 79,76%.

A pesquisa independente, uma das mais renomadas publicações internacionais no setor, é realizada a partir da apuração com especialistas, pacientes e indicadores da área, resultando em listas dos melhores hospitais em 27 países. A lista global World's Best Hospitals 2023 avaliou 250 instituições no mundo. A lista do Brasil é formada ainda por outros 113 hospitais, como o Israelita Albert Einstein (SP), Sírío-Libanês (SP) e Moinhos de Vento (RS).





itaipu
parquetec

TRANSFORMAR CONHECIMENTO
e INOVAÇÃO em BEM-ESTAR SOCIA





Itaipu Parquetec: de um canteiro de obras surgiu um polo de conhecimento e inovação

Em duas décadas, uma instituição vem pautando todas as iniciativas regionais quando o tema é desenvolvimento sustentável, com inteligência, grandes parceiros e os pés no futuro. Assim foi o PTI e é agora o Itaipu Parquetec.

Toda grande obra acumula materiais dos mais diversos, como sucata, detritos, peças de moldagem que são usadas e depois descartadas; no entorno de Itaipu, havia enormes estruturas de aço, de todos os formatos, e praticamente uma cidade conectada por acessos, sinalização, edifícios, barracões, alojamentos e estalagens para todos os fins. O “x” desse problema não era se livrar dessas coisas, os materiais em desuso, mas sim, o que fazer com o conhecimento imaterial acumulado, que ia muito além do espaço físico.

Após o término da construção da usina, Itaipu Binacional decidiu reaproveitar a infraestrutura ali deixada com outra finalidade: o conhecimento, criando um centro voltado à inovação, pesquisa e ao desenvolvimento humano. Assim, o Parque Tecnológico de Itaipu foi pensado e oficialmente inaugurado em 2003.

Conhecida como PTI, a instituição nasceu promovendo a ciência sustentável na região de Foz do Iguaçu. Logo, se abriu para as escolas, universidades e empresas inovadoras, passando a apoiar iniciativas no campo da formação, com parceiros trabalhando no aprimoramento da mão de obra, abrindo horizontes e com um olhar permanente no futuro.

Nos mais de 20 anos de atividades, o Parque Tecnológico foi se expandindo em várias direções, com atividades nas áreas de energias renováveis, tecnologias da informação, comunicação, educação, gestão ambiental e turismo sustentável. Por meio de parcerias com universidades, institutos de pesquisa, empresas e órgãos governamentais, o parque encontrou soluções para a promoção do desenvolvimento econômico e social, com projetos robustos, programas de capacitação e inovação.

A sociedade desfruta e interage com toda essa fonte de conhecimento, ampliando a capacitação em novos projetos que terão ainda maior envolvimento com pessoas e territórios. A meta da entidade é dimensionar uma série de competências na renovação dos recursos, inteligência e gestão territorial, tecnologias aplicadas e segurança cibernética, de maneira que isso se intensifique em entregas para o bem-estar da sociedade. Para isso, um dos objetivos mais amplos do Parque Tecnológico é manter o lastro com os novos e potenciais parceiros, sempre buscando soluções. E foi pensando nisso que, depois de duas décadas, a iniciativa vislumbrou um novo cenário e ampliou sua atuação, tornando-se Itaipu Parquetec.





Itaipu Parquetec: 20 anos impulsionando inovação e sustentabilidade no Brasil

Desde julho deste ano, o Parque Tecnológico Itaipu, ou PTI, uma das siglas mais conhecidas em Foz do Iguaçu, passou a ser Itaipu Parquetec, uma nova marca que traz modernidade aos 20 anos de experiência da instituição.

Muito além da nomenclatura, a alteração na marca evidencia um novo momento, com uma instituição completa em soluções sustentáveis para a transição energética e tecnologias do futuro. A nova identidade exalta as origens do Parque Tecnológico e fortalece a inclinação da Itaipu, aprofundando o compromisso com pesquisas e projetos voltados para a transição energética e o desenvolvimento de soluções tecnológicas que beneficiam moradores da região e de outros estados brasileiros.

Com duas décadas de experiência, a entidade avança na busca por novas tecnologias e negócios, com pesquisa científica, resultando em um cabedal de conhecimento que sempre será transferido para a sociedade, independentemente da distância ou localização. Ao longo de sua existência, centenas de projetos construíram um legado de conhecimento e inovação, ajudando comunidades necessitadas.

Um dos projetos desenvolvidos pelas equipes do Itaipu Parquetec é o Sistema de Segurança Energética Modular, que utiliza baterias oriundas de veículos elétricos para armazenar e fornecer energia captada por placas fotovoltaicas. O sistema já está em funcionamento laboratorial na comunidade indígena Baniwa, na fronteira do Brasil com a Colômbia, beneficiando mais de 600 pessoas que não tinham acesso à energia elétrica.

O objetivo agora é ampliar o atendimento a outras comunidades isoladas. A próxima instalação será na Ilha da Trindade, no Espírito Santo. Projetos assim demonstram o potencial para levar energia a mais de 270 regiões isoladas no país, que não fazem parte do Sistema Interligado Nacional, o que se converte em um grande passo rumo a uma transição energética justa e acessível.

Ainda no campo da transição energética, o Itaipu Parquetec acumula mais de uma década de experiência com pesquisas na aplicação do hidrogênio, considerado o combustível do futuro. No ambiente do Parque, uma planta de produção de hidrogênio oferece suporte para vários projetos em andamento, voltados ao abastecimento de veículos pesados e também ao armazenamento do elemento "em pó", que demanda menos espaço e garante maior segurança energética.

Recentemente, foi firmada uma nova parceria com Itaipu Binacional, com o Centro Internacional de Energias Renováveis – CIBiogs e o projeto H2Brasil, que resultou na instalação de uma Unidade de Produção de Hidrocarbonetos Renováveis. É a primeira planta-piloto para a produção de petróleo sintético a partir de uma mistura de biogás e hidrogênio verde, que servirá de combustível sustentável para a aviação (Sustainable Aviation Fuel – SAF).

Em seu novo momento, o Itaipu Parquetec fortalece o vínculo com o território onde atua, a cidade de Foz do Iguaçu. Isso é realizado por meio de novos projetos para o município, como a construção de 254 casas populares para famílias em situação de vulnerabilidade social, por meio do convênio "Moradia", em parceria com a Itaipu Binacional. A tecnologia utilizada é conhecida como "wood frame", com uso de madeira de reflorestamento certificada, que atende às diretrizes do Governo Federal em descarbonização e sustentabilidade aplicada à construção civil.

A instituição Itaipu Parquetec consolida competências também em áreas como a automação e simulação de sistemas elétricos; na gestão territorial, tecnologias aplicadas, estruturas de barragens, bem como arquitetura e engenharia, sempre com dimensão na ciência e educação e no Turismo Sustentável, em evidência nesta edição.

Fotos de Niko Sierich/Itaipu Parquetec



Do biogás à mobilidade elétrica: Itaipu Parquetec lidera a transição energética no País

A transição energética nas propriedades rurais trouxe benefícios ambientais e economia aos produtores, incrementando suas rendas e incluindo uma nova fonte de energia em suas cadeias produtivas.

Desde 2006, a Itaipu apoia a transição energética com o início dos programas de Energias Renováveis (ER) e Mobilidade Elétrica Sustentável. Tais iniciativas se fizeram necessárias diante da preocupação com a grande concentração de produção de proteína animal nos municípios próximos ao reservatório da usina.

A Região Oeste do Paraná é fortemente dedicada à agropecuária, especialmente quando ocorre a conversão de proteína vegetal em animal, com o cultivo de milho e soja integrado à produção de carne de aves, suínos e laticínios. São atividades de alto impacto ambiental, especialmente pela produção de dejetos que, se não forem devidamente tratados, acumulam-se nos rios e, em última instância, no reservatório da Itaipu, contribuindo para a eutrofização do lago e para a produção de gases do efeito estufa.

A empresa entendeu que as iniciativas, além de evitar a descarga dos efluentes, ajudariam no conhecimento sobre a transformação desse passivo ambiental em um ativo econômico: o biogás.

O biogás é uma mistura de gases composta principalmente por metano e dióxido de carbono, obtida normalmente pelo tratamento de resíduos orgânicos, por meio do processo de biodegradação anaeróbia, ou seja, com a ausência de oxigênio. A geração de energia a partir da biomassa basicamente consiste em aproveitar o biogás liberado pela matéria orgânica em decomposição – em biodigestores – para movimentar motores capazes de suprir a demanda energética de uma propriedade rural por completo ou, ao menos, abastecê-la durante o horário de ponta, quando os custos da energia são mais caros.

Assim, além de fomentar uma solução para a destinação desses resíduos, Itaipu Binacional iniciou um processo de transição energética nas propriedades, trazendo inúmeros benefícios ambientais e econômicos aos produtores, incrementando suas rendas e incluindo uma nova fonte de energia renovável e riqueza na cadeia produtiva.

Com a comprovação da viabilidade ambiental, técnica e econômica, em diferentes escalas de produção, a Itaipu se uniu a outras 15 instituições e criou, em 2013, o Centro Internacional de Energias Renováveis-Biogás, ou CIBiogás, com sede no Itaipu Parquetec. O CIBiogás é uma instituição científica, tecnológica e de inovação, dedicada ao desenvolvimento do biogás como recurso energético limpo e competitivo, com o objetivo de promover o mercado de energias renováveis.

Na competência de centro de referência, o CIBiogás atua no desenvolvimento da cadeia de biogás, visando aumentar a oferta e participação do biogás na matriz energética brasileira. A energia gerada pelo Biogás é uma realidade!

Com o fomento da Itaipu Binacional, o CIBiogás foi responsável por projetos de implantação, monitoramento e melhorias em sistemas de produção de biogás, com foco no desenvolvimento sustentável do biogás e outras rotas, como o biometano, onde se destacam a Unidade de Demonstração de Biogás e Biometano de Itaipu (UD Itaipu), inaugurada em 2017, por meio do projeto de mobilidade para abastecer a frota de veículos da Itaipu, com o gás gerado a partir do tratamento dos resíduos orgânicos dos restaurantes do complexo de Itaipu. Ao todo, o biometano captado lá já abasteceu mais de 84 veículos.

Até 2023, a UD Itaipu tratou mais de 620 toneladas de resíduos, além de cerca de 40 mil metros cúbicos de biometano, possibilitando que os veículos rodassem 481 mil km, o equivalente a mais de dez voltas ao mundo, contribuindo para a sustentabilidade com a redução de emissões provocadas por combustíveis fósseis.

Ainda em 2023, iniciou-se uma operação assistida, que consiste no tratamento de dejetos de mais de 41 mil animais, criados por 15 produtores da região. Esse material é transformado em biogás para geração de energia elétrica. Também serão produzidos, no mesmo local, 330 metros cúbicos de digestato (biofertilizante), que serão distribuídos para os próprios suinocultores e a comunidade em geral. O projeto contou com investimento de R\$ 19 milhões da Itaipu Binacional.

Neste contexto, o CIBiogás atua como um importante player não apenas para a utilização do biogás no meio rural, mas no processo de transição energética em diversos segmentos da economia, além de atuar fortemente em Pesquisa, Desenvolvimento e Inovação para adoção de novas rotas tecnológicas para o biogás, como os combustíveis sustentáveis.

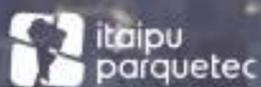
Em 2024, a Itaipu Binacional, em parceria com o CIBiogás e demais instituições, inaugurou a primeira planta piloto do Brasil para a produção de petróleo sintético (Biosyncrude) a partir de biogás, com foco na geração de combustível sustentável para aviação (Sustainable Aviation Fuel - SAF). Instalada na Itaipu Binacional, a planta foi projetada para produzir 6 kg por dia de biosyncrude, uma mistura de hidrocarbonetos criada a partir de biogás e hidrogênio verde, destinada à produção de SAF. O processo utiliza até 50 metros cúbicos normais por dia (Nm³/d) de biogás gerado na unidade de Produção de Biogás da Itaipu.

Muito antes de ser uma realidade ao consumidor, Itaipu já desenvolvia o veículo elétrico e, por meio do programa Itaipu Mais que Energia, a Binacional anunciou o financiamento de 42 veículos elétricos e o mesmo número de postos de abastecimento para prefeituras das regiões Noroeste e Sudoeste do Paraná. Atualmente, o veículo elétrico é uma realidade acessível ao consumidor, mas Itaipu já estava preocupada com o tema muito tempo antes, desde 2006, quando implantou o Programa VE (Veículo Elétrico) em parceria com a KWO (Kraftwerk Oberhasli), empresa suíça de energia. O objetivo era promover a eficiência energética, a preservação do meio ambiente e o uso racional dos recursos naturais por meio do desenvolvimento de veículos movidos a energia elétrica e tecnologias similares, o que inclui infraestrutura de abastecimento e sistema de armazenamento de energia, dentro do conceito Smart Grid.

Em parceria com empresas públicas, privadas e instituições de pesquisa, foram desenvolvidos veículos elétricos de passeio, caminhão elétrico de pequenas cargas, minibus 100% elétrico, o primeiro ônibus elétrico híbrido a etanol, off-road elétrico, avião elétrico tripulado, eletropostos, sistemas de compartilhamento de veículos, entre outros. Nas atuais linhas de pesquisa do Programa VE estão o Sistema de Armazenamento de Energia para instalação em comunidades isoladas (ilhas e áreas que não dispõem de rede elétrica), Sistema de armazenamento de energia com inversores híbridos e painéis solares para operação “on-grid” e “off-grid”, além da Bateria de Sódio Nacional e do projeto do Ônibus Elétrico Híbrido a Etanol (OEHE). Nos testes de desempenho, dentro da usina de Itaipu, o OEHE foi capaz de reduzir em 80% as emissões de CO2 em relação ao ônibus diesel.

A Itaipu também apoia e financia projetos de energia solar fotovoltaica em áreas rurais e urbanas em todo o Estado do Paraná, por meio do programa Itaipu Mais que Energia, da gestão de bacias hidrográficas e do auxílio eventual para instituições filantrópicas. Além de apoiar o desenvolvimento de novas fontes renováveis, Itaipu dá segurança ao sistema elétrico em um contexto de crescimento dessas novas fontes, em especial, a solar e a eólica.





OS PASSEIOS NA ITAIPU são de graça!

Passeios gratuitos para moradores de Foz do Iguaçu e municípios limieiros.

Viva momentos que trazem energia para toda a família!



Para garantir seu ingresso sem custo, basta apresentar um **documento de identidade** e **comprovante de residência** no dia da visita.

Gratuidade nos passeios Itaipu Panorâmica, Itaipu Refúgio Biológico e Itaipu Iluminada.

Desconto nos passeios Itaipu Especial e Itaipu Iluminada com Jantar.

Acesse o QR Code e compre seu ingresso:



Siga nossas redes sociais | @turismoitaipu



Itaipu Binacional atraiu mais 26 milhões de visitantes de todos os continentes

Embora a visitação oficial tenha iniciado em 1977, o primeiro registro de um grupo de visitantes foi em 1976. Até 2024, mais de 26 milhões de pessoas do Brasil e do mundo conheceram os atrativos de Itaipu

O mundo queria ver como Itaipu estava sendo construída. Era comum ver nos jornais frases como a “obra do século”, “um trabalho de Hércules”, o “formigueiro humano”. Os noticiários atualizavam cada passo da empreitada por meio de imagens icônicas, como o despejo descomunal de concreto e milhares de pontos de solda fustigando a poeira levantada por caminhões colossais. Tudo isso aguçava o interesse nacional e internacional, afinal, o país vivia o apogeu do milagre econômico.

E o interesse foi crescente à medida que o empreendimento foi sendo concluído, despertando a curiosidade da sociedade pela sua ousadia técnica e engenhosidade. Isso deflagrou um grande fluxo de visitantes de todo o mundo, a começar pelas autoridades e interessados na construção de grandes obras.

Embora os visitantes começassem a ser recebidos em 1977, o primeiro registro de um grupo de turistas foi no ano anterior, em 15 de abril de 1976. Em meio ao imenso canteiro de obras, foram recebidos os 27 integrantes do Clube de Engenharia do Rio de Janeiro. No ano seguinte, as estatísticas de visitação começaram a ser contabilizadas, com 16.251 registros apenas na margem brasileira da Itaipu. As visitas também passaram a ocorrer pelo Paraguai em 1978.

Em 1986, a Itaipu recebeu cerca de 600 mil visitantes, o maior número durante a execução das obras. Após a conclusão, o ritmo estabilizou. Conforme os apontamentos, Itaipu recebeu 472 mil visitas em 1995 e, em 2003, cerca de 471 mil. Em 2004, o turismo foi incluído no planejamento estratégico da Binacional.

Entendeu-se a necessidade de uma nova atuação no jeito de demonstrar Itaipu aos interessados, e isso foi

interpretado em duas dimensões: como produto turístico e a Binacional como potente indutora do segmento.

Na versão “produto”, desenvolveu-se o Complexo Turístico de Itaipu, ou CTI, disponibilizando experiências para a compreensão da sociedade, enquanto a maior usina hidrelétrica do mundo em geração de energia limpa e renovável. Realizando os percursos, os visitantes tinham a oportunidade de discernir a importância da iniciativa, como ela foi dimensionada e como estava recompensando o meio ambiente. O CRV, Centro de Recepção e Visitas, exibia filmes e disponibilizava guias habilitados em vários idiomas, aptos a responder às dúvidas dos turistas. Algumas dessas pessoas haviam trabalhado na obra e conheciam bem a história local, bem como seus momentos mais marcantes.

A Itaipu “indutora do turismo” passou a realizar um trabalho muito importante em consolidar o desenvolvimento socioeconômico da sua área de abrangência, especialmente considerando a importância das temáticas em todo o seu espaço

A partir de 2007, a margem esquerda de Itaipu adotou como modelo de gestão a concessão da operação do CTI ao PTI, hoje Itaipu Parquetec. Todo o recurso financeiro passou a ser destinado à operação do Complexo Turístico e ao Fundo de Investimentos da fundação, que mantém, além do turismo, ações voltadas para ciência, tecnologia, cultura, educação, empreendedorismo e transformação social.

O modelo de organização se mostrou muito eficiente, resultando em um crescimento médio anual de 7% ao longo de mais de uma década. Entre 2018 e 2019, anos que apresentaram recordes em visitas, cerca de 1 milhão de pessoas percorreram os atrativos em cada período. O crescimento foi

afetado em 2020 e 2021 em decorrência da pandemia de COVID-19, e Itaipu, obedecendo às severas restrições sanitárias, deixou de operar o CTI.

A retomada das atividades aconteceu em 2022 e foi muito expressiva, com diversas ações trabalhando a indução da atividade turística, com iniciativas de captação e um atendimento ainda mais aprimorado aos visitantes nacionais e estrangeiros. Desde que abriu as portas para os visitantes, Itaipu superou a marca de 26 milhões de interessados em conhecer a usina e o que ela proporciona em tecnologia e exemplares práticas sustentáveis.

Itaipu encanta por suas dimensões e pelos seus aspectos tecnológicos e ambientais. O turista que planeja conhecer a usina tem várias opções de passeios, como o Circuito Turístico Especial, que percorre o interior da usina, a Visita Panorâmica, o Ecomuseu, o Refúgio Biológico Bela Vista, Itaipu By Bike, Itaipu Iluminada e Itaipu Iluminada Especial. Moradores de municípios lindeiros ao Lago Itaipu têm isenção em quatro passeios e desconto de 50% no roteiro Itaipu Especial.



Fotos de Kiko Sierich/Itaipu Parquetec

Fotos de Jean Pavão/Itaipu Parquetec



Mercado Público Barrageiro é o novo atrativo turístico regional

O espaço homenageia os milhares de operários que trabalharam na barragem de Itaipu e também oferece uma nova dimensão cultural para a cidade, nas artes, gastronomia e lazer para os iguaçuenses, visitantes e turistas.

Em geral, quem vai conhecer as cidades brasileiras sempre procura saber onde fica o Mercado Municipal. Em espaços assim, se manifestam as raízes culturais por meio das artes plásticas, artesanato, música, a base culinária, os costumes e produtos que expressam as características de um destino. Foz do Iguaçu discutiu e esperou por décadas um espaço assim, que agora se torna realidade em novembro de 2024.

O mercado público, localizado na Vila A, ocupará o espaço que abrigou à época da construção da usina, a Companhia Brasileira de Abastecimento e Logística. A COBAL foi responsável pelo abastecimento de alimentos das Vilas de Itaipu e teve suas atividades encerradas nos anos 90. Além de ser um estabelecimento comercial, já esboçava ares culturais, reunindo famílias e grupos de amigos aos finais de tarde e aos sábados pela manhã.

Artistas se apresentavam e ocorriam várias manifestações paralelas na área do estacionamento, como feiras de produtores rurais locais, com produtos coloniais, exposição e venda de objetos de colecionadores, artesanato e, ocasionalmente, a venda de peixes e outros produtos. O encerramento das atividades causou uma lacuna e a falta de um espaço semelhante sempre foi tema de discussão.

Em 2011, durante a realização da Feira Internacional do Livro de Foz, o poeta, escritor e empreendedor cultural Jorge Ferreira, proprietário de memoráveis bares e restaurantes em Brasília, lançou seu título "Rio Adentro". Convidado pela organização, ele fez uma palestra e dissertou bastante sobre o Mercado Municipal que havia fundado em Brasília e que se tornara uma referência cultural. A fala mexeu com a plateia e o autor se viu obrigado a retornar meses depois para apresentar à cidade como realizar um espaço semelhante. Jorge visitou vários locais e, ao entrar no barracão da antiga COBAL, convertido em depósito de sucatas hospitalares, disse: "O mercado municipal de Foz já é aqui!"

Jorge morreu em 2013 e com a triste notícia, a ideia do mercado esfriou, mas se avivou anos depois, quando Itaipu anunciou a reforma do edifício para abrigar o empreendimento público. A estrutura foi aos poucos sendo recuperada e, adaptada à nova realidade de Foz, com a instalação de modernos sistemas de isolamento e conforto térmico, acessibilidade e infraestrutura para abrigar a gastronomia, lazer, cultura e história.

O novo projeto comportou 56 lojas que reúnem produtos e serviços diversificados, mas em acordo com o glamour e o clima antológico de espaços similares, acentuando a vertente gastronômica e de lazer, além de uma série de atrações culturais. Com uma expectativa assim, o Mercado Público Barrageiro já havia se tornado um novo atrativo turístico na cidade mesmo antes de abrir as portas. Recentemente inaugurado, em 26 de novembro, o espaço homenageia os milhares de operários que trabalharam na barragem da Usina Hidrelétrica de Itaipu. A homenagem aos barrageiros também está estampada na fachada do edifício por meio de uma obra assinada pelo artista plástico Eduardo Kobra, reconhecido como um dos maiores muralistas da atualidade.

O Mercado Público Barrageiro abre as portas gerando cerca de 450 empregos diretos e indiretos, garantindo desenvolvimento econômico e social para a região. As cooperativas e associações locais também garantiram espaço, como a Cooperativa da Agricultura Familiar de Foz do Iguaçu (Coaffoz), a Associação dos Produtores Rurais Familiar de Foz do Iguaçu (Aproffoz) e a Associação de Clube de Mães – cada uma com seu próprio box social no local, logo, os pequenos produtores ganham visibilidade e mostram seus produtos para os moradores e turistas. Os boxes comerciais incluem empórios mineiro, gaúcho e árabe; confeitaria e padaria; produtos coloniais; produtos para saúde e bem-estar; hortifrutigranjeiro; e artigos para presentes diversos. Possui ainda estabelecimentos em ambiente climatizado, como hamburgueria, pastelaria, choperia, restaurante de comida brasileira e petiscaria, pizzaria, sorveteria e açaí, além de um restaurante oriental

Construído pela Itaipu Binacional, o Mercado Público foi entregue ao Itaipu Parquetec em regime de comodato. Esta ação faz parte de um conjunto de iniciativas promovidas pela Itaipu em sua área prioritária, que visam fomentar o turismo, com vistas ao desenvolvimento do território e inclusão produtiva. O empreendimento funciona diariamente, das 10h às 22h, com entrada pela Avenida Araucária, perto do cruzamento com a Avenida Tancredo Neves, na Região Norte de Foz do Iguaçu.





UNILA: a universidade que faz a integração latino-americana acontecer

A UNILA é bem mais que intercâmbio cultural, científico e educacional. É uma usina idiossincrática fabulosa.



O Projeto de Lei de criação da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA) foi encaminhado à Presidência da República em dezembro de 2007, pelo Ministério da Educação do Brasil (MEC). No mês de abril de 2008, o Congresso Nacional passou a discutir o assunto, mais tarde aprovado por unanimidade.

Em 12 de janeiro de 2010, a Lei nº 12.189, criando a UNILA, foi sancionada pelo então presidente Luiz Inácio Lula da Silva, em cerimônia realizada em Brasília. Como relata o primeiro reitor, Héglio Trindade, em seu livro “UNILA em construção”, o apoio de Itaipu e também do PTI (hoje Itaipu Parquetec) foram e são essenciais para o desenvolvimento da Universidade.

“A relação de cooperação entre a UNILA e a Itaipu Binacional remonta às origens da Universidade. Esta parceria estratégica é favorecida tanto pela proximidade física – uma vez que a UNILA será instalada dentro da área de segurança da usina hidrelétrica – quanto pelo decidido compromisso assumido pelos dirigentes da entidade de apoiar a iniciativa e não medir esforços para torná-la realidade. Não foi por acaso, portanto, que as principais etapas da constituição atual da UNILA se realizaram no espaço de Itaipu: desde o primeiro projeto da Universidade do Mercosul, proposta pelo Ministério de Educação do Brasil e não aprovada pelos parceiros sob o argumento de que seria muito precoce a criação de uma universidade transnacional na região, passando pela proposta do Instituto Mercosul de Estudos Avançados (IMEA), que foi aprovado em reunião no PTI, com a presença de representantes dos governos federal (MEC, Capes e CNPq) e estadual (SETI), até a conformação atual do projeto da UNILA. Nesta perspectiva, Itaipu e o Itaipu Parquetec têm sido parceiros permanentes e fundamentais ao longo desse processo”.

Ainda, segundo Trindade, o apoio inicial da Itaipu ao impulsionar a UNILA veio de duas formas: aporte de recursos para apoiar a Comissão de Implantação e a disponibilização de capital social: quadro de funcionários altamente qualificado para colaborar diretamente no desenvolvimento do projeto, tanto técnica, como financeira, administrativa, jurídica e ambiental.

A UNILA, hoje, com mais de 5 mil alunos, de mais de 30 países em cursos de graduação e pós-graduação, utiliza instalações do Itaipu Parquetec desde 2007, com a instalação do Instituto Mercosul de Estudos Avançados (IMEA), embrião da Universidade, e, em 2010, como sede para a administração e para as primeiras aulas, em agosto daquele ano.

Hoje, estão no Parquetec a Reitoria e salas de aula utilizadas por vários cursos, em especial, os das áreas das Ciências Exatas. Os alunos também estão distribuídos no edifício do Jardim Universitário, no Campus Integração, onde há os alojamentos, e no Edifício Almada, onde funciona o curso de Música.

A sede própria da UNILA, no terreno de 38 hectares, situado no acesso à Usina, foi doado pela Itaipu em 2008 e a transferência da escritura concluída em março de 2009. Os custos do projeto arquitetônico do campus, desenvolvido pelo escritório de Oscar Niemeyer, e o acompanhamento técnico também foram assumidos por Itaipu.

Em relação ao campus, o mais recente episódio é a retomada das obras, paralisadas em 2014. O protocolo de intenções entre Itaipu Binacional, UNILA e Ministério da Educação foi assinado em julho de 2023 e, em fevereiro deste ano, foi celebrada a parceria entre o Ministério da Educação, a UNILA, o Escritório das Nações Unidas de Serviços para Projetos (UNOPS) e a Itaipu Binacional, para a conclusão de três edificações do campus: o Refeitório, o Edifício Central e o Bloco de Salas de Aula.

A retomada das obras, com custo de cerca de R\$ 752 milhões, está sendo viabilizada por meio de recursos da Itaipu Binacional. O UNOPS, organismo da ONU especializado em infraestrutura, é responsável pela gestão da obra. Além das obras e instalações físicas, a UNILA também desenvolve projetos de pesquisas, por meio de seus docentes, em parcerias com o Itaipu e o Parquetec. A universidade possui atualmente 421 docentes e 548 servidores técnico-administrativos, 29 cursos de graduação, 12 de mestrado e 9 especializações e residência.





Itaipu investe em habitação popular e infraestrutura em Foz do Iguaçu

Recursos provenientes das vendas das casas da Vila A estão sendo destinados à construção de moradias para famílias em situação de vulnerabilidade social. Além das obras vultuosas entregues ou em execução, a Binacional ajuda a melhorar a área urbana.

“Muito mais que energia” é um slogan de responsabilidade e traduz o compromisso de Itaipu em uma frente muito ampla, especialmente na cidade de Foz do Iguaçu, onde desempenha um papel social enraizado desde o início de sua construção e em diferentes áreas, inclusive no combate ao déficit habitacional. Recentemente, em 2023, a usina e o Itaipu Parquetec assinaram um convênio com o Município para a construção de 254 casas destinadas a famílias que vivem hoje na região da Vila Brás, conhecida como favela do Jardim Canadá, uma APP - Área de Proteção Permanente na nascente do Rio Poty, afluente do Rio Boicy, um dos principais cursos de água que atravessam a cidade.

Com investimento inicial de R\$ 76,3 milhões e contrapartida do município, por meio da doação do terreno, o projeto prevê a construção das novas residências na região do Três Bandeiras e a recuperação ambiental do Rio Poty e de suas margens.

As casas serão construídas com técnicas arquitetônicas sustentáveis, bem menos agressivas ao meio ambiente, tendo como matéria-prima principal a madeira reflorestada. O projeto será executado em três fases e a expectativa é que as primeiras unidades sejam entregues no primeiro semestre de 2025.

Os recursos para esse e outros projetos habitacionais, que estimam a edificação de cerca de 2 mil casas e suas infraestruturas, serão garantidos com a venda das casas

da Vila A e Vila B, moradias construídas por Itaipu há mais de 40 anos para abrigar os milhares de trabalhadores vindos de diversas regiões do país. Com o tempo, as casas foram sendo repassadas para entidades que ofertavam essas residências aos seus funcionários como forma de atrair mão de obra para Foz do Iguaçu. Os moradores pagam apenas uma taxa de ocupação, algo em torno de 30% do valor do aluguel no mesmo bairro, e não pagam IPTU.

A regularização das casas é uma necessidade histórica tanto da empresa quanto dos moradores, de forma que está sendo ofertada a compra diretamente a eles, cumprindo um pedido do grupo feito à atual gestão. Todos os imóveis ocupados estão sendo ofertados para os atuais moradores.

A Itaipu Binacional pretende vender 923 imóveis em Foz do Iguaçu até o final de 2026. Todo o processo de venda ocorrerá por etapas, ou seja, não haverá ofertas a todos os imóveis de uma única vez. Essa ação está alinhada à missão institucional da Itaipu e às diretrizes do governo federal, contribuindo com o combate ao déficit habitacional na cidade e promovendo um modelo construtivo sustentável e de inclusão social.

Em 2021, foram entregues 25 casas na região da Vila C. As unidades são fruto de uma parceria entre Governo do Paraná (Cohapar), Itaipu Binacional e a Prefeitura (FozHabita). São 23 unidades com 32 metros quadrados e duas

com 49 metros quadrados, adequadas para pessoas com deficiência e idosos. Elas têm dois quartos, sala e cozinha, além de painéis solares integrados à rede de energia elétrica. O investimento nas moradias foi de R\$ 1.744.574,51, sendo R\$ 1.303.962,35 recursos da Itaipu Binacional e R\$ 440.612,16 recursos do Fozhabita.

A Itaipu Binacional também financiou outras obras em Foz do Iguaçu e região, como a nova ponte internacional sobre o Rio Paraná, a duplicação da Rodovia das Cataratas (BR-469), investimentos em escolas, delegacias, hospitais e centros esportivos. Neste ano, Itaipu investiu R\$ 22 milhões nas obras de revitalização da Avenida Juscelino Kubitschek, uma das mais importantes da cidade. Essa é a primeira reforma estrutural profunda da via desde sua construção, na década de 1970.

As melhorias incluem um novo sistema de drenagem pluvial, o recapeamento de toda a Avenida JK, desde o Viaduto da BR-277 até a Avenida Jorge Schimmelpfeng, reforma e readequação no canteiro central, para possibilitar a construção de uma ciclovia e pista de caminhada, inclusive fazendo a ligação com as ciclovias já existentes na Avenida Tancredo Neves, partindo da Itaipu Binacional, e a Avenida Jorge Schimmelpfeng.



Itaipu vai além da geração de energia, impulsionando setores produtivos e preservando a memória coletiva

Do ventre de aço e concreto em uma das maiores usinas hidrelétricas do mundo, nasce uma força vital que vai além da energia. É a água que transborda em ações e eventos, construindo pontes invisíveis de pertencimento e cidadania.

A Itaipu Binacional, como indutora, vai muito além da sua área de influência e desempenha um papel significativo na participação, promoção e realização de eventos locais e regionais. Passando a atuar nos 399 municípios do Paraná e 35 do Mato Grosso do Sul, essa responsabilidade aumentou muito mais, impactando cerca de 11 milhões de pessoas. Uma atuação assim reflete uma política ímpar de desenvolvimento regional sustentável, com a elevada missão de fomentar ações socialmente justas e culturalmente enriquecedoras.

Itaipu conseguiu transformar o ímpeto das águas em pulsação humana. Suas turbinas convertem correnteza em energia, mas também assumem sonhos, vivências e encontros. Como nas lendas indígenas que cercam a região, a água é vista como um espírito que nutre e conecta, e Itaipu incorporou esse papel, por meio de ações tangíveis que alimentam a cultura, o turismo e o desenvolvimento.

É nesse ciclo, incessante como o movimento do rio, que a usina segue construindo a sua presença nas redes elétricas e no coração das comunidades. Cada evento apoiado ou criado por Itaipu carrega essa força silenciosa, que energiza vidas e histórias.

Graças a essa visão, eventos ganham força e internacionalidade, como a eleição das Cataratas do Iguaçu como uma das Sete Novas Maravilhas da Natureza. A campanha, iniciada em 2009 e concluída em 2011, foi conduzida com um propósito claro: colocar a região em destaque no cenário mundial. A Itaipu Binacional teve um papel essencial, unindo esforços com governos, ONGs, entidades turísticas e a comunidade local para garantir o sucesso da iniciativa, atuando como mediadora e patrocinadora estratégica, da divulgação até as campanhas de votação pela internet. A usina mobilizou suas redes de visitantes, parceiros institucionais e a população. O Itaipu

Parquetec também desempenhou um papel significativo, organizando eventos de conscientização e mobilização.

Quando as Cataratas foram oficialmente eleitas, o impacto foi imediato. O fluxo turístico aumentou exponencialmente, e o título se tornou um diferencial competitivo para a região. Entre 2012 e 2019, o número de visitantes cresceu de 1,5 milhão para mais de 2 milhões por ano.

Além disso, a campanha trouxe visibilidade internacional e reforçou o sentimento de orgulho entre os moradores locais, que passaram a reconhecer as Cataratas não apenas como um destino turístico, mas como um patrimônio cultural e ambiental de relevância global.

Outro marco do apoio de Itaipu ao turismo é a criação de rotas integradas, um esforço que conecta municípios lindeiros e amplia o acesso às riquezas naturais e culturais da região. Por meio do programa de fortalecimento do turismo, a usina impulsionou iniciativas como a Rota dos Monumentos e a Rota dos Sabores e Saberes, que promovem atrativos locais, desde feiras artesanais até a valorização de pequenos produtores. Esses roteiros atendem não apenas visitantes internacionais, mas também incentivam a circulação interna.

Os resultados são evidentes: o turismo nos municípios abraçados pela área de influência de Itaipu gera mais de R\$ 2 bilhões por ano em movimentação econômica e cerca de 15 mil empregos diretos e indiretos.

Itaipu se manifesta em eventos que movem economias, criam memórias e solidificam a identidade da região trinacional. O Natal Águas e Luzes é um exemplo: acontece no Gramadão da Vila A e na área central de Foz, criando um espetáculo de cores e emoções, com iluminação, decoração e apresentações artísticas que causam encontros

intergeracionais. A carreta cultural “Energia de Natal” leva essa magia para comunidades lindeiras, transformando cada apresentação em um abraço coletivo.

O Festival de Turismo das Cataratas é hoje consagrado como um dos maiores eventos turísticos no calendário da América Latina e impulsiona negócios, avançando em inovações para o setor. Com apoio da Itaipu, ele destaca a região como referência global em turismo sustentável e integração trinacional. A hidrelétrica também atua em eventos como espetáculos teatrais, feiras culturais e concursos artísticos, com o propósito de levar arte, cidadania e lições sustentáveis para comunidades distantes. A Feira Internacional do Livro de Foz do Iguaçu surgiu na parceria com Itaipu.

Em verdade, a Binacional está presente em desfiles, feiras de agronegócios e em campanhas institucionais de vários segmentos, levando arte, cidadania e lições sustentáveis a comunidades distantes, sempre reafirmando a sua missão social, indo além dos royalties para tornar-se uma força que transforma realidades.



Fotos de arquivo e assessorias

Fotos de Marcos Labanca



Apoio de Itaipu às entidades sociais, parceria que transforma vidas

A empresa ajudou a criar, incentivar e desenvolver diversas entidades sociais, transformando a vida de milhares de pessoas

Muito antes do reconhecimento das políticas públicas de assistência social no Brasil, Itaipu já se preocupava em apoiar e implantar programas de apoio a proteção social das populações em sua área de abrangência. Assumindo a responsabilidade pelo impacto que causara, a Binacional apoiou a criação de entidades que se tornaram fundamentais perante os efeitos do desenvolvimento, como é o caso da Guarda Mirim, fundada em 1977 pela primeira-dama Léa Amália Leone Viana, esposa do então prefeito de Foz do Iguaçu, Coronel Clóvis Cunha Vianna.

Esta bela história inicia em 1974, quando o Coronel Clóvis Cunha Viana foi nomeado prefeito de Foz. Dona Léa, preocupada com as questões sociais que já se despontavam, buscou conhecer a cidade e se deparou com um grande número de crianças em atividades de trabalho e dormindo nas ruas. Isso tornou-se um dos primeiros saldos negativos do abrupto desenvolvimento.



A primeira-dama viu-se muito impressionada com a situação e acolheu oito meninos que viviam sem amparo, encaminhando-os à sede da APMI – Associação de Proteção à Maternidade e à Infância, localizada na área central da cidade. As irmãs de caridade que faziam a gestão da entidade, conhecedoras da situação, explicaram as dificuldades que seria ingressar jovens e adolescentes na estrutura para atender bebês em idade de berço. Com a ajuda de Itaipu, organizou-se uma estrutura independente e, assim, surgiu a Guarda Mirim de Foz do Iguaçu, em 26 de julho de 1977.

Com a vocação educativa, a entidade era similar aos colégios militares, uma tradição no Paraná. Inicialmente, baseava-se na disciplina militar, com os adolescentes usando fardas, realizando atividades de ordem, treinamentos físicos e acampamentos, sujeitos a patentes e hierarquia, em acordo com o desenvolvimento. Com o passar dos anos e a implantação do Estatuto da Criança e do Adolescente, a Guarda Mirim assinou um Termo de Ajuste de Conduta com o Ministério Público do Trabalho e implantou o Programa de Aprendizagem, apoiando adolescentes em atividades formativas das mais diversas. Na geração presente, é comum ouvir de profissionais liberais, advogados, engenheiros,

professores e comerciantes que “um dia foram guardinhas”. Estima-se que mais de 40 mil jovens foram atendidos desde a fundação da entidade.

“Itaipu é parceira da Guarda Mirim desde a sua fundação. Ela cooperou financeiramente para o início da obra e quando o espaço ficou pronto, Itaipu colocou um funcionário para ajudar a cuidar dos meninos. No primeiro mês eram 41 meninos e anos depois eram mais de 600. Esse funcionário, Nilton Lafuente, foi um pai para os garotos”, conta dona Léa Viana.

Hélio Carmo, atual presidente da instituição, afirma que a parceria se mantém até os dias atuais. “Desde a fundação a Itaipu compõe o conselho Deliberativo da Guarda Mirim, além de integrar o Conselho Fiscal da entidade. Temos apoio para todas as iniciativas, seja na contratação de adolescentes ou apoio financeiro por meio de edital, gerando emprego e renda aos jovens”, conta.

A Guarda Mirim atende cerca de 800 adolescentes de 14 a 18 anos dentro de um programa de aprendizagem, com a missão de promover a formação técnico-profissional e o encaminhamento ao mundo do trabalho.

A ACDD é mantenedora da Escola Cristian Eduardo Hack Cardozo, nome do filho de dona Geni, falecido aos 17 anos de idade, vítima de distrofia muscular progressiva. Geni Hack Cardozo entendeu a necessidade de existir em Foz do Iguaçu um espaço adequado para o atendimento educacional e de saúde de crianças, jovens e adultos com patologias semelhantes à do filho.

Com o apoio da prefeitura, que fez a doação do terreno, e de Itaipu, que disponibilizou os materiais para a construção da sede, a ACDD iniciou a sua história em 1984. Hoje, a instituição é referência no atendimento educacional especializado, atendendo 130 alunos com deficiência física neuromotora associada a múltiplas deficiências.

Além do trabalho pedagógico, a ACDD oferece atendimento técnico nas áreas de fisioterapia, fonoaudiologia, assistência social e terapia ocupacional para a rede SUS, por meio de convênio com o Município. Em 2022 a instituição inaugurou o Centro de Atendimento Complementar à Saúde, que realiza em média, 600 atendimentos por mês.

“Itaipu doou parte dos equipamentos de fisioterapia do centro de atendimento, equipou nossa cozinha, apoiou inúmeros eventos, fez doações para as famílias de alunos e agora está construindo nossa nova sede. Itaipu faz parte da nossa história”, afirma a presidente da instituição, Neide Florêncio.

Atualmente, ACDD passa por obras de reforma e ampliação da sede no Jardim Santa Rosa, que possibilitarão a ampliação dos serviços e atendimentos. O custo da obra, em torno de R\$ 3,2 milhões, é totalmente financiado por Itaipu.

Fotos enviadas pelas entidades.



De mãos dadas com a transformação: Itaipu apoia a educação, saúde, ações sociais e os empreendedores

Sem a ajuda de Itaipu, as entidades em Foz e outras cidades não conseguiriam suprir a complexidade de atendimentos em comunidades carentes; há um mundo de projetos diversificados. Tampouco setores produtivos teriam deslanchado.

Nos últimos quatro anos, a Associação Fraternidade Aliança (AFA) buscou novas parcerias para concluir o Complexo Terapêutico Infantojuvenil Arturo Paoli (CTIJ), que tem como objetivo atender crianças e adolescentes vítimas de abuso ou que estejam dependentes de álcool, outras drogas ou ainda, apresentem outras questões de saúde mental, como ideação suicida, depressão e ansiedade. Recentemente, essa ajuda foi assegurada por Itaipu, que investirá mais de R\$ 4 milhões em uma parceria de três anos.

Para a gestora do convênio pela AFA Suzane Amorim, a colaboração com a Itaipu representa uma nova perspectiva de atuação. “Muitos desses adolescentes estão envolvidos no tráfico de drogas e se encontram em situação de vulnerabilidade social, com vínculos familiares e comunitários rompidos ou fragilizados. Nosso foco é resgatá-los, fortalecer esses vínculos e promover a reintegração na família e na comunidade. Além disso, desenvolvemos um plano de negócios através de um Programa de Ocupação e Renda, atividade essa que serve como estratégia para que esses adolescentes não retornem ao ilícito”, comenta. “Não tenho dúvidas de que nos tornaremos uma referência nesse tipo de atendimento”.

Instalado em uma área de 7.500 metros quadrados no Conjunto Habitacional Buba, o Complexo Terapêutico Infantojuvenil Arturo Paoli atende mensalmente cerca de 100 crianças e adolescentes, 24 horas por dia. Com os recursos da Itaipu, foram realizadas as construções necessárias, incluindo um bloco recreativo e esportivo totalmente mobiliado e com sistema de energia solar.

A criação do complexo surgiu em função de duas ações civis públicas, uma na esfera estadual e outra federal, que estabeleceram a implantação em Foz do Iguaçu de uma comunidade terapêutica e uma unidade de acolhimento infantojuvenil.

A partir desse ponto, a Prefeitura de Foz do Iguaçu começou a buscar parcerias com entidades do terceiro setor para viabilizar a execução desses serviços. Apesar da ajuda recebida, os recursos obtidos até então eram insuficientes para a conclusão do CTIJ.

Agora, com investimento em pessoal e infraestrutura adequada, é possível oferecer, além de acolhimento residencial, terapias e um programa de ocupação e geração de renda vinculado ao turismo social, ao cultivo de plantas, ao artesanato e culinária, que também são custeadas pela Itaipu. Uma estação de trabalho foi implantada para apoiar as atividades de geração de renda, com a contratação de mais três profissionais técnicos para esse fim.

Desde sua fundação em 1978, com o apoio da Itaipu Binacional e da Prefeitura de Foz do Iguaçu, a COART - Cooperativa de Artesanato Regional, reúne profissionais talentosos promovendo ricos artesanatos, com incrível capacidade de adaptação frente às disponibilidades de matéria-prima. Por este aspecto, a entidade não apenas sobreviveu, mas também prosperou, exibindo a sua linha diversificada de produção à medida que a matéria-prima foi se tornando escassa. A incorporação de novos materiais revelou também técnicas inovadoras, mantendo-se, ao mesmo tempo, fiel à sua missão de preservar a herança da região, um tesouro cultural inovado pelos artesãos.

Nos últimos anos, a COART recebeu apoio da Itaipu para o desenvolvimento do projeto de artesanato com iconografia local “A Vida no Lago” e também foi parceira para a produção do livro “COART, 45 Anos”.

O projeto social “Um Chute para o Futuro”, fundado em 2005 pelo professor Ronaldo Cleber Cáceres em Foz do Iguaçu (PR), é uma ONG dedicada a oferecer atividades educacionais, culturais e esportivas para crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social. A instituição atua no bairro Porto Belo e em áreas vizinhas, promovendo um ambiente seguro para crianças e jovens de 6 a 17 anos. A Itaipu Binacional é uma das principais apoiadoras do projeto, investindo na infraestrutura do espaço.

Em dezembro de 2023, a associação firmou um convênio com a Itaipu, permitindo a contratação de mais 15 colaboradores para expandir o atendimento na sede e iniciar atividades em outros bairros do município por meio de um projeto itinerante. Com esse avanço, o número de atendimentos foi ampliado de 320 para mais de 800, abrangendo polos nos bairros Jardim Jupira, Jardim Itaipu, Três Lagoas e a sede, no Porto Belo.

Entre as atividades oferecidas aos educandos estão práticas esportivas, culturais, artísticas e socioeducativas, além de acompanhamento social, psicológico e escolar, realizado por uma equipe técnica e educadores. O apoio da Itaipu tem sido essencial para a expansão e aprimoramento dos projetos, possibilitando o desenvolvimento social e pessoal dos jovens e ajudando a melhorar a infraestrutura, o que permite atender a uma demanda crescente e oferecer atividades de contraturno escolar para educandos de 6 a 17 anos.

Ao longo de 47 anos, a APAE tem desempenhado um papel essencial no debate público local, promovendo a dignidade e a inclusão social ativa de pessoas com deficiência intelectual, múltiplas deficiências e autismo. Com dedicação, respeito e amor, a instituição tornou-se um alicerce para a comunidade, oferecendo educação e apoio às famílias dessas pessoas.

A história da APAE começou em uma pequena casa de madeira anexa ao Colégio Bartolomeu Mitre. Em 1992, mudou-se para a Avenida Paraná, em um espaço cedido por meio de concessão do Governo do Estado, onde permanece até hoje.

Ao longo dos anos, a APAE contou com o apoio de diversos setores, incluindo a Itaipu Binacional. Entre as iniciativas apoiadas recentemente, destacam-se o auxílio emergencial durante a pandemia, a revitalização das sedes, reparos estruturais, elétricos e hidráulicos, pintura interna e externa, instalação de placas de energia fotovoltaicas e muitas outras melhorias.

Atualmente, em dois espaços revitalizados, a APAE atende mais de 490 alunos e 250 usuários nas áreas de saúde e assistência social e conta com o trabalho de 137 profissionais, incluindo médicos, terapeutas, professores, equipe administrativa, merendeiras e auxiliares de serviços gerais. Com o apoio de parceiros como a Itaipu Binacional, a APAE Foz continua sua missão de transformar vidas e promover inclusão.

A Itaipu vai investir R\$ 5,6 milhões no projeto Comunidade e Cidadania, voltado para crianças e adolescentes em situação vulnerável economicamente da Vila C e agora também no bairro Cidade Nova. A parceria foi realizada com o Conselho Comunitário da Vila C (CCVC), entidade sem fins lucrativos. Cerca de 800 pessoas serão beneficiadas. O projeto prevê a ampliação das atividades de convivência e o fortalecimento de vínculos sociais, familiares e comunitários nos dois bairros, contribuindo para o desenvolvimento da autonomia e prevenindo situações de vulnerabilidade e risco social de crianças e adolescentes nestes locais.



Fotos enviadas pelas entidades.

Referência mundial em energia limpa, Itaipu fortalece a agenda de sustentabilidade no G20

Referência mundial no tema da transição energética, Itaipu integrou os debates do evento, realizado pela primeira vez em uma cidade fora das capitais



O debate sobre a transição energética colocou Itaipu Binacional no centro do mundo durante a reunião ministerial do Grupo de Trabalho de Transições Energéticas do G20, bloco que reúne as 20 maiores economias do planeta. As reuniões aconteceram em Foz do Iguaçu de 30 de setembro a 4 de outubro, e foram finalizadas em novembro, no Rio de Janeiro. Pela primeira vez, uma cidade fora das capitais, sediou o encontro, organizado pelos Ministérios de Minas e Energia (MME) e de Relações Exteriores (MRE) com apoio da binacional.

Em Estocolmo, em 1972, Itaipu foi a primeira usina a tratar da produção energética acompanhada da questão ambiental e por isso, passou a oferecer ao mundo suas experiências. Não está errado usar o jargão, de que a Binacional “levou 52 anos para devolver o troco”. No evento que foi considerado um marco para a proteção do meio ambiente e que estabeleceu as bases para a nova agenda ambiental da Organização das Nações Unidas (ONU), o projeto de Itaipu foi recebido com desconfiança e pessimismo.

Durante os debates em Foz, e também onde mais o G20 foi realizado, a Itaipu apresentou soluções inovadoras e perspectivas sobre combustíveis sustentáveis, como biomassa e biogás. A empresa tem se dedicado, nos últimos anos, a pesquisar e incentivar a produção de energia a partir de outras fontes renováveis, tornando-se referência e voz ativa nos fóruns nacionais e internacionais.

A escolha de Itaipu como sede para essas reuniões não foi por acaso. A usina é um exemplo de

cooperação internacional, e foi a primeira no mundo a pertencer, em partes iguais, a dois países – Brasil e Paraguai; e se tornou, ao longo de 50 anos de história, modelo na geração de energia limpa e renovável, com responsabilidade social e cuidado com as pessoas, aspectos fundamentais nas discussões do G20 sobre transição energética e o futuro do planeta.

O Grupo de Trabalho de Transições Energéticas, coordenado pelo Ministério de Minas e Energia, contou com o apoio de Itaipu para discutir formas de acelerar o financiamento das transições energéticas, a dimensão social dessa transição e as perspectivas de inovação em combustíveis sustentáveis.

Além de ser reconhecida como exemplo de inovação e pesquisa em energia limpa, Itaipu atua também para ampliar o conhecimento e o compromisso da sociedade com a sustentabilidade do planeta e com os ODS – Objetivos do Desenvolvimento Sustentável.

O lema adotado pelo Brasil no G20, “Construindo um Mundo Justo e um Planeta Sustentável”, reflete com exatidão as políticas e ações de Itaipu. A usina tem um histórico reconhecido mundialmente na implantação de iniciativas ambientais, sociais e de distribuição de renda, que estão alinhadas com as diretrizes do governo brasileiro e com os objetivos globais de sustentabilidade da ONU. Além disso, a hidreletricidade, uma fonte limpa e renovável, e as ações desenvolvidas nos dois países são exemplos concretos de seus compromissos com um futuro sustentável, socialmente responsável e justo.

O G20 é o principal fórum de cooperação econômica internacional e desempenha um papel importante na definição e no reforço da arquitetura e da governança mundiais em todas as grandes questões econômicas. Inicialmente, o G20 concentrava-se principalmente em questões macroeconômicas gerais, mas expandiu sua agenda para incluir temas como comércio, desenvolvimento sustentável, saúde, agricultura, energia, meio ambiente, mudanças climáticas e combate à corrupção.

O G20 é composto pela África do Sul, Alemanha, Arábia Saudita, Argentina, Austrália, Brasil, Canadá, China, Coreia do Sul, Estados Unidos, França, Índia, Indonésia, Itália, Japão, México, Reino Unido, Rússia e Turquia e dois órgãos regionais: a União Africana e a União Europeia. Os membros do G20 representam cerca de 85% do Produto Interno Bruto (PIB) mundial, mais de 75% do comércio mundial e cerca de dois terços da população mundial.

